

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARTES

ELISSANDRA CAVALCANTE BRASIL

**UM MAPEAMENTO DA INCLUSÃO DA PESSOA COM
DEFICIÊNCIA NO BALLET CLÁSSICO NO RECIFE**

Recife/2021

Elissandra Cavalcante Brasil

**UM MAPEAMENTO DA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
NO BALLET CLÁSSICO NO RECIFE**

Projeto de pesquisa apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2, do Curso de Dança - Licenciatura, na Universidade Federal de Pernambuco, campus Recife.

Orientadora: Professora Doutora Francini Barros

Recife Ago/2021

Parece-nos um tanto óbvio dizer que o corpo da pessoa com deficiência terá uma presença marcante nas discussões que seguem no texto. No entanto, o repetimos; repetimos porque é mais do que necessário revigorar suas ações em busca do seu lugar de direito e de fala, uma vez que os processos de desvalorização a que foram e são submetidos, além de corroerem sua autonomia, seguem presentes no mundo, disfarçados de modos bem peculiares, tais como, na recusa de um táxi, no olhar do outro, ao ser abordado sem pedir licença, não ter espaço de locomoção e de boa flexibilidade em escolas, universidades, espaços culturais... (CARMO, CASTRO, 2020, p.61)

AGRADECIMENTOS

Sem dúvidas, este trabalho não contém apenas meus esforços, em um período tão duro e caótico como a pandemia da COVID-19. Dizer que realizei esta pesquisa sozinha excluiria as tantas pessoas que a motivaram até mesmo antes deste fato acontecer.

Escrever neste tempo difícil não foi fácil e, com isso, agradeço, primeiramente, a Deus, por me dar força e coragem para seguir neste processo de formação. Sem Ele eu não teria chegado aqui.

Agradeço a minha mãe, Geiza, por cada minuto dedicado a me ouvir, a ler, por sempre me incentivar nos estudos e não permitir que eu desistisse. A meu pai, Alexandre, por acolher meus sentimentos com seu jeito único. Agradeço a Géssica e ao Alejandro, meus irmãos, que estiveram sempre por perto me apoiando e me fazendo dar boas risadas.

Agradeço a Juliana e a toda família do Studio Juliana Moura, que me fizeram amar a dança a tal ponto que quis tê-la como profissão. A Ana Cristina Marques, que me apresentou tantos artistas PCD que se tornaram inspiração para este trabalho e por toda troca de conhecimento, seja nas aulas ou na minha monitoria.

Agradeço a André, por todo apoio emocional e pela preocupação com o andamento da pesquisa. A meus colegas de turma e amigos, em especial, Irla Sab e Larissa Vaz, que sempre acreditaram em mim e no meu trabalho e foram parte importante no meu processo de formação.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os artistas PCD que me deram base para esta pesquisa e me fizeram pensar o ballet clássico fora da caixa. A todos, o meu muito obrigada.

RESUMO

A pessoa com deficiência é, simplesmente, pessoa, é corpo, corpo este que pode mover e dançar o que quiser, assim como qualquer outro. Entendendo isto, esta pesquisa discute o processo de inclusão da pessoa com deficiência (PCD) no ballet clássico na cidade do Recife. Através de entrevistas e pesquisas documentais, foi realizado um mapeamento para entender como e se a inclusão está presente nas escolas e academias de dança que têm o ballet clássico como modalidade principal na cidade. Com a pandemia da COVID-19, muitas escolas fecharam, por esse motivo, apenas as escolas que já estavam funcionando no formato presencial, no período da realização deste trabalho, puderam participar da pesquisa, uma vez que o formato das aulas remotas mudou muito a dinâmica delas e esta não era a realidade do dia a dia das escolas. De tal modo, foram observadas as barreiras que impedem a presença da pessoa com deficiência de ocupar estes espaços, as possibilidades para uma mudança da situação atual e os caminhos que já estão sendo percorridos. Também foram explorados os tipos de acessibilidades propostos por Sasaki, a visão da bipedia compulsória, proposta e discutida por Carmo e Castro, voltada a dança e o contexto sócio-histórico do ballet clássico.

Palavras chave: Inclusão; Pessoa com deficiência; Dança-educação; Ballet clássico.

ABSTRACT

A disabled person, is, simply a person, it is a body, a body that can move and dance whatever it wants, like any other. Understanding this, this research discusses the inclusion process of people with disabilities (PWD) in classical ballet at the city of Recife. Through interviews and documentary research, a mapping was created to understand how and if inclusion is present at schools and dance academies that have the classical ballet as their main modality in the city. With COVID-19 pandemic, many schools were closed, for this reason, only schools that were working with in-person learning, by the period of this work, were able to participate in the research, once that remote learning have changed their dynamics a lot and this was not the true reality of everyday life in schools. Insomuch, were observed the barriers that can prevent the presence of people with disabilities to occupy this spaces, the possibilities for a change in the current situation and the paths that are already being taken. Also, were explored the types of accessibilities proposed by Sasaki, as well as the compulsory biped vision, proposed and discussed by Carmo and Castro, directed to the dance and the socio-historical context of the ballet classic.

Key words: Inclusion; Disabled person; Dance-education; Classic ballet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 O BALLET CLÁSSICO E A ACESSIBILIDADE	9
1.1 BREVE HISTÓRICO DO BALLET CLÁSSICO	9
1.2 ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO	12
CAPÍTULO 2 EM CAMPO	17
2.1 COMPARAÇÃO COM HIPÓTESES	19
CAPÍTULO 3 UM TÚNEL A SER PERCORRIDO.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
BIBLIOGRAFIA	31
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

Claro (2012) elenca a dança como uma das mais significativas expressões artísticas por contribuir, tanto para a formação humana, como facilitadora dos processos de aprendizagem, quanto na comunicação e expressão. Por sua vez, Sasaki (2009) desenvolve a acessibilidade como a facilidade, a qualidade que deveria estar presente em todos os campos da atividade humana. A partir da ideia da equidade, o autor reconhece o benefício da acessibilidade a todas as pessoas, com deficiência ou não. Dessa forma, Sasaki (2003) a define como um processo bilateral entre pessoas excluídas e a sociedade, que visa a equiparação de oportunidade para todas as pessoas. A partir destes dois autores e seus conceitos de dança, inclusão e acessibilidade, estabeleço os eixos norteadores desta pesquisa.

Com o intuito de fazer a cena do ballet clássico da cidade do Recife mais acessível às pessoas com deficiência (PCD), nomenclatura essa definida na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2012), este projeto visa conhecer as estruturas físicas, a formação e visão dos professores das escolas e academias de dança do Recife que tem o ballet clássico como principal atividade em relação à presença da PCD no ballet. A pesquisa de campo foi a opção escolhida por ser uma forma de contato mais próximo com a realidade das escolas e com o intuito de entender o porquê da pequena quantidade de pessoas com deficiência que participam destes espaços, quer seja atuando como estudantes, professores e/ou bailarinos profissionais na cidade.

As escolas e academias selecionadas foram escolhidas com base no funcionamento no formato presencial durante a pandemia da COVID-19. Durante este período, que ainda se estende aos dias atuais de escrita deste trabalho, várias escolas de dança fecharam suas portas. Tantas outras mantiveram suas atividades estritamente de forma remota, utilizando os recursos de aulas gravadas ou ao vivo. As escolas participantes têm o ballet clássico como modalidade principal, podendo ter ou não outras modalidades na grade curricular. Dessa forma, essa pesquisa busca conhecer o que já acontece nessas escolas, visando auxiliar a aceleração do processo de inserção desses sujeitos e identificar as lacunas que necessitam ser preenchidas quando tratamos da inserção, da permanência e da profissionalização da pessoa com deficiência no ballet.

O primeiro capítulo é voltado para o conhecimento de um breve histórico do ballet clássico no mundo e no Brasil para fazer entender como essa dança se desenvolveu ao longo

dos anos. Serão abordados os tipos de acessibilidade propostas por Sasaki (2009) e como elas devem estar presentes e ligadas a uma escola de ballet clássico para que ela esteja aberta a todo corpo que dança ou deseja dançar. Levando em consideração as realidades de uma dança construída sobre um contexto sócio-histórico que excluiu pessoas simplesmente pela diferença, o olhar se volta também aos estudos sobre a bipedia compulsória de Carmo e Castro (2020), com o objetivo de retratar a situação atual da pessoa com deficiência no ballet clássico do Recife.

No segundo capítulo, encontram-se alguns aspectos importantes observados durante a realização das entrevistas, tais como a causa da quase inexistência de pessoas com deficiência no ballet clássico, um dos pontos motivadores desta pesquisa. Outro fator é a formação dos professores, dado que, ao analisar a grade curricular do Curso de Dança - Licenciatura e de Educação Física - Licenciatura, ambos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), apenas quatro disciplinas que se voltam para o ensino do público alvo desta pesquisa foram encontradas. Também foram analisadas formas de preconceito e suas repercussões quando comparados às hipóteses levantadas, uma forma de aprofundar o entendimento sobre a inclusão da pessoa com deficiência no ballet clássico.

O terceiro capítulo tem como objetivo relatar as práticas que acontecem hoje de forma regular para a formação profissional de pessoas com deficiência no ballet clássico, com uma análise focada no formulário de Ajustes Razoáveis e Consideração Especial - Política e Procedimentos da Royal Academy of Dance, utilizado para exames oficiais de admissão dos alunos em todo o mundo, inclusive no território brasileiro. Serão analisados os desdobramentos dessa iniciativa e o que ela representa em termos da presença da pessoa com deficiência na cena do ballet.

A pesquisa foi realizada num total de quatro escolas/academias de dança da cidade do Recife e de dez professores nelas distribuídos, dentre os quais alguns trabalham em outras escolas de dança da cidade e estão inseridos também nas escolas de ensino regular. Alguns professores não participaram da pesquisa por não atenderem a algum dos critérios de participação: estar funcionando no formato presencial, ter o ballet como modalidade principal na grade curricular ou por não responderem em tempo hábil à solicitação para integrar a pesquisa.

As escolas e os professores que participaram respondendo às entrevistas e permitindo o acesso aos espaços para a visita, receberam pseudônimos, opção acordada antes da

realização das entrevistas. Eles serão assim identificados como forma de preservar suas identidades ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO 1 O BALLETO CLÁSSICO E A ACESSIBILIDADE

1.1 UM BREVE HISTÓRICO DO BALLETO CLÁSSICO

Para compreender o processo de inclusão do ballet clássico na cidade do Recife, antes, é necessário entender o processo de construção sócio-histórica do ballet e da acessibilidade da pessoa com deficiência.

A história do ballet clássico tem início nas cortes italianas no século XVI, período em que a riqueza era concentrada nos nobres e o renascimento conquistava muito espaço em toda a Europa. A princípio, apenas as famílias nobres participavam dos grandes bailes onde a dança era apresentada e, por isso, o ballet, ainda sem ser conhecido como tal, era dançado apenas por homens, como um privilégio. As roupas utilizadas eram pesadas e os sapatos continham saltos, um figurino que era reflexo das roupas da corte na época. Com o passar do tempo e a evolução das produções, o ballet passou a ser dançado em teatros acompanhados pelas músicas de ópera e as mulheres foram pouco a pouco tendo permissão para participar destes espetáculos. Em 1770, as cartas escritas pelo bailarino e mestre de ballet, Jean Noverre, foram consideradas divisoras de água no ballet. Ele cria o ballet de ação, que rompe com a ideia do ballet de corte e traz mudanças significativas na forma como o ballet era executado. As músicas deixam de ser cantadas, os figurinos passam a ser mais leves e menores, a expressão ganha vez e a estrutura técnica se aproxima mais do ballet clássico que conhecemos hoje. Em 1789 o primeiro ballet de repertório é apresentado, a obra intitulada *La Fille Mal Gardée* (A Filha Mal Criada)¹, que foi coreografada novamente para a versão que se conhece hoje por Jean Duberval, que havia estudado ballet com Noverre. No período romântico, os ballets passaram a ter narrativas mais trágicas. As mulheres passaram a ser exaltadas dentro do ballet e o amor era um elemento importante nas histórias, cada vez mais inalcançáveis e profundas. Assim, percebe-se que a visão estética do ballet, desde seu início, foi definida pelos nobres, pela parte da população que continha poder aquisitivo elevado e era o padrão de corpo e estilo a ser seguido.

Já no Brasil, o ballet clássico tem seus primeiros contatos com a vinda do espetáculo de ballet coreografado por Luiz Lacombe, que foi apresentado no Real Teatro de São João, localizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1813. Numa média de um século depois, com as apresentações das companhias russas de Diaghilev e Pavlova, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, “o ballet começa a ganhar mais impulso no país e mantém os seus parâmetros

¹ tradução livre

românticos e europeus: uma escola, um corpo de baile, primeiros-bailarinos, um teatro oficial, público, crítica jornalística (...)” (PEREIRA, 2003 p.127). Ou seja, toda a sistematização cênica da imagem da dança e a técnica eram iguais ao que acontecia na Europa, ainda que corpos e cultura fossem distintos. “O balé brasileiro parece que necessitou revestir-se de balé romântico para escrever sua história. Só assim poderia garantir sua tradição, sua continuidade e seus desdobramentos.” (PEREIRA, 2003 p.126). Sendo assim, desde sua instalação no território nacional, o ballet clássico trouxe consigo o ideal de corpo europeu, magro, alto, branco e sem deficiência.

As escolas de ballet clássico foram por muito tempo, concentradas apenas nos teatros municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo, o que privou as pessoas de outros estados do país de praticarem essa modalidade da dança. Uma escola metodológica importante na consolidação do ballet no Brasil foi a Royal Academy of Dance (RAD), a metodologia inglesa que chegou ao país em 1960 e só em 1970 acontece o seu primeiro curso (RAD BRASIL, 2020) realizado no Rio de Janeiro, por volta de cinquenta anos após a criação da metodologia, que aconteceu em 1920.

Outro acontecimento importante para a história do ballet no Brasil foi a vinda da Escola do Teatro Bolshoi em março de 2000, para a cidade de Joinville, em Santa Catarina. Trata-se da única filial do Teatro Bolshoi da Rússia fora do país. A escola proporciona a formação de artistas da dança, promove e difunde a arte-educação e ensina a técnica do ballet conforme a metodologia Vaganova, abarcando também o ensino da dança contemporânea e de disciplinas complementares. Ademais, a instituição recebe alunos vindos de diferentes estados brasileiros e do exterior e ressalta o seu compromisso social ao conceder bolsas de estudo e benefícios para os alunos, permanecendo com o estilo de trabalho e os ideais sociais que deram origem à Escola Coreográfica de Moscou, em 1773. A escola realiza uma seleção todos os anos para o ingresso de novos bailarinos; esta seleção é feita em etapas e conta com uma parte de avaliação técnica e rítmica e uma avaliação médica. A vinda da escola para o Brasil fez a dança clássica se tornar referência na cidade catarinense e trouxe o título de cidade da dança para Joinville.

No Recife, a escola mais antiga é o Ballet Lúcia Helena D’Angelo, fundado em 1968 e ainda ativo aos 53 anos de história. A escola não declara uma determinada metodologia como sendo sua principal. Outras escolas fundadas num período próximo, e que se tornaram a base do ballet na cidade, foram o Ballet Margot Duarte, no ano de 1972, cuja escola é filiada à Royal Academy of Dance, utilizando, assim, a metodologia inglesa de ensino. E poucos

anos depois o Studio de Danças fundado, em 1978, com a utilização da metodologia Vaganova para a formação de seus alunos. Após a chegada do ballet clássico na cidade, outras instituições de ensino foram surgindo e o ballet conquistou cada vez mais escolas adeptas a esta modalidade da dança. Muitos dos professores que participaram desta pesquisa passaram por alguma dessas escolas no seu período de formação.

Desde sua criação e na chegada ao Brasil, o ballet clássico era um privilégio dos nobres e ricos, as famílias nobres eram o espelho do que a sociedade aceitava e caracterizava como belo e a deficiência não tinha vez na formação deste estereótipo, que ficou gravado na dança como o único corpo possível para dançar ballet.

Uma vez traçado os primeiros percursos do ballet clássico no Brasil, abordaremos o histórico das distintas visões sobre as pessoas com deficiência no país.

Em relação à situação histórica da pessoa com deficiência, Sasaki (2012) definiu quatro paradigmas para classificar a forma como as PCD eram tratadas. São eles: exclusão, institucionalização, integração e inclusão. No paradigma da exclusão, a pessoa com deficiência era considerada inferior e desqualificada e, comumente, por esse motivo, era morta assim que se identificava a deficiência, logo após seu nascimento. No período da institucionalização, a sociedade considerava a deficiência como uma doença e uma rejeição divina, o que resultava na internação das pessoas com deficiência nos hospitais psiquiátricos. As escolas especiais começaram a crescer, uma vez que os testes de inteligência, também conhecidos com testes de QI, faziam distinção entre as pessoas com e sem deficiência e as encaminhavam para essas escolas a fim de poder educá-las para conviver em sociedade futuramente. A integração previa, depois de muita luta dos pais e familiares, que as pessoas com deficiência fossem encaminhadas para as escolas comuns após a capacitação ou reabilitação, porém eram colocadas em salas exclusivamente para pessoas com deficiência e elas precisavam se adaptar à escola e não o oposto. O paradigma da inclusão é entendido como:

[...] processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 2003, p.40)

Na Declaração de Salamanca (1994)², lê-se:

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos, através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola (BRASIL, 1994, p. 5).

Dessa forma, não seria diferente numa escola/academia de dança, uma vez compreendendo a dança como:

[...] uma das expressões artísticas mais significativas. Contribuindo para a ampliação da aprendizagem e a formação humana. Todo o processo associado à dança constitui uma forma de comunicação, pois através da dança o homem expressa e comunica algo do seu interior. (CLARO, 2012 p.10).

Partindo desse ponto de vista, fica evidente a importância da dança no desenvolvimento de todas as pessoas. É notável, no entanto, que a presença da pessoa com deficiência no ballet foi, desde seus primórdios, quase inexistente. Se para tornar acessíveis as escolas de ensino regular foi necessário tanta luta, o que pensar da dança, que muitas vezes não é vista como uma prioridade educacional? Era e ainda é, para muitos, difícil pensar na ideia da deficiência no ballet clássico, uma vez que a competição e o virtuosismo sempre estiveram presentes ao longo da história dessa dança. Para tirar o ballet desta caixa que acomoda apenas o que é dito “perfeito”, é necessário muito mais esforço para além do que tem sido feito. A ausência de um ensino inclusivo do ballet também justifica a ausência de pessoas com deficiência nas grandes companhias. Será que é utópico pensar num ballet clássico para todos os corpos? Como fazer do ballet uma dança inclusiva?

1.2 - ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

Como consta no documento da Convenção sobre Direitos da Pessoa com Deficiência (2009), é direito da pessoa com deficiência ter acesso, em igualdade com as demais pessoas, à participação em jogos, atividades de lazer e atividades recreativas, inclusive no sistema escolar. E por ser direito, faz-se necessário quebrar o paradigma excludente. O ballet está no imaginário das crianças e nos sonhos adormecidos de muitos adultos, e a pessoa com

² A Declaração de Salamanca foi elaborada na Conferência Mundial pela Educação, em Salamanca, na Espanha, em 1994. Ela visa formar diretrizes para o sistema educacional e político a partir do movimento pró-inclusão social. Seu objetivo foi promover a inclusão social na educação especial com o intuito de torná-la uma educação para todos.

deficiência não está fora deste grupo. É preciso que existam escolas bem estruturadas e professores dispostos a atender a todo tipo de público. Devemos questionar: como fazer isso?

Podem ser citadas, aqui, algumas das principais formas de acessibilidade propostas por Sasaki (2009), que auxiliam na busca por possibilidades de inclusão na dança:

A acessibilidade é uma qualidade, uma facilidade que desejamos ver e ter em todos os contextos e aspectos da atividade humana. Se a acessibilidade for (ou tiver sido) projetada sob os princípios do desenho universal, ela beneficia todas as pessoas, tenham ou não qualquer tipo de deficiência. (SASSAKI, 2009, p. 2)

Sasaki elenca vários tipos de acessibilidade que, direta ou indiretamente, estão associadas aos objetivos desta pesquisa: a acessibilidade atitudinal é aquela que através das atitudes de uma pessoa, podem incluir alguém em determinado lugar ou atividade, como por exemplo, um professor de dança que aceita um aluno em suas aulas independentemente de qualquer característica que esse aluno tenha; a acessibilidade arquitetônica é aquela que permite que todo e qualquer indivíduo esteja em algum local sem interferências arquitetônicas, como em uma escola de dança que tem rampas, piso tátil, banheiros adaptados e, assim, permite que qualquer aluno possa entrar e participar das aulas e dos demais espaços da escola; a acessibilidade metodológica é aquela que faz o professor elaborar estratégias metodológicas para fazer com que o ensino-aprendizagem do aluno aconteça de forma inclusiva através das atividades propostas, como um professor que adapta algum exercício para que todos os alunos possam executá-lo; a acessibilidade nos transportes é aquela que auxilia no processo de locomoção das pessoas, como um ônibus com rampa e assentos adaptados e preferenciais que podem levar os alunos até as escolas e academias de dança; a acessibilidade na comunicação é aquela que permite ao indivíduo a comunicação com os demais, como um professor de dança que saiba falar em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) com seu aluno surdo.

Esses tipos de acessibilidade foram observados ao longo das entrevistas realizadas em quatro escolas/academias de dança da cidade do Recife que estavam funcionando no formato presencial durante a pandemia da COVID-19. O contexto de reclusão social exigido pela pandemia ocasionou o fechamento de vários tipos de comércio e de instituições, tais como lojas de departamentos, escolas regulares e escolas de dança. Ademais, no período de realização da pesquisa, boa parte das escolas funcionou apenas de forma remota. Todas as escolas participantes têm o ballet clássico como modalidade principal. A pesquisa foi desenvolvida com um total de dez professores distribuídos entre quatro escolas.

Contudo, será que as escolas de dança, ainda que se declarem abertas a receber qualquer tipo de pessoa, estão realmente aptas para isso? A realidade é que os tipos de acessibilidade devem se complementar para que a inclusão aconteça. Como afirma Sasaki (2003) e citado anteriormente, a inclusão social é uma via de mão dupla. Ou seja, não adianta ter uma estrutura com total acessibilidade arquitetônica se a escola separa as pessoas com determinadas características fora do “padrão bípede”, termo proposto por Carmo (2019), em turmas ditas especiais.

O conceito de Bipedia Compulsória defendido por Carmo (2019) é compreendido não como forma de locomoção sobre dois membros, mas uma estrutura social, política, econômica e cultural que determina padrões excludentes pautados na normatividade do corpo, que subjagam e inferiorizam as potencialidades da pessoa com deficiência, tomadas por incapazes e inaptas (CARMO, 2019, p. 78 apud CARMO, CASTRO, 2020, p.64).

Vale salientar que a bipedia compulsória:

É uma lógica de organização social que parte da perspectiva de quem não possui deficiência e exclui, invisibilizando qualquer outra experiência de corpo que seja considerado doente, inapto, ineficaz, deficiente. Importante compreender que o termo bipedia nessa abordagem foge da literalidade do seu significado, pautado na estrutura física, biológica e na marcha dos humanos, mas aproxima-se do modelo histórico-cultural da própria deficiência. (CARMO, CASTRO, 2020, p.64)

Quando a bipedia ganha vez e a presença de corpos diferentes do padrão é mascarada para que, ainda que estando no mesmo espaço, não haja convivência dentro das salas de aula, voltamos ao paradigma da integração explicado por Sasaki (2003). Nele, as pessoas com e sem deficiência participam das mesmas atividades e espaços mas em grupos separados, ou seja, há um retrocesso. Nas escolas entrevistadas, não houve registro de turmas separadas em nenhuma delas, exceto no caso de aulas particulares por questões de horário de uma aluna com deficiência da Escola Baloné, e que aconteceram apenas durante a pandemia. As visitas foram realizadas no mesmo dia das entrevistas e a chegada até as escolas foi pelos mais diversos meios, de carro, ônibus e a pé, o que auxiliou na observação da acessibilidade arquitetônica até os locais, uma vez que o acesso até as mesmas também é parte importante do processo de inclusão.

Destacamos aqui que a visão de Sasaki é voltada à inclusão social, termo que Carmo critica ao abordar a dança. De acordo com sua visão, a inclusão exclui, uma vez que, ter algo exclusivo para o uso da pessoa com deficiência, como banheiros coletivos onde apenas uma cabine é acessível, ou um passo que é colocado numa coreografia que apenas as pessoas que tem deficiência podem fazer, exclui. Por que não todas as cabines de banheiro adaptadas? Por que não colocar as pessoas para dançarem juntas, sem ter que abrir exceções, mas fazendo

algo que todos consigam executar? É importante compreender que, ainda que esses dois autores discordem, suas visões são de grande importância para a compreensão do que segue nesse texto. Dada sua compreensão da inclusão, Sasaki a partir da ideia de uma sociedade que deve unir-se à parcela ainda excluída e elaborar soluções para que aconteça a inclusão, a de Carmo, que ressalta a ideia de uma sociedade bípede que exclui, pois sua visão parte de um pressuposto que os referenciais para as pessoas com deficiência mantêm-se como os da bipedia. Podemos partir, então, para uma análise mais pertinente sobre a inclusão no ballet clássico, dança essa que exclui as diferenças desde sua origem até os dias atuais.

Tal é a importância de compreender os processos para a efetiva inclusão pois, sem evidenciá-los, não é possível reconhecer tamanho preconceito. Preconceito esse que não acontece apenas com as pessoas com deficiência, mas também com outros corpos fora do padrão europeu (citado anteriormente) e a inferiorização que a sociedade coloca, diariamente, sobre esses corpos.

Quando as palavras ballet clássico são ditas, o que vem à mente? Bailarinas vestidas com collants cor de rosa, tutus, pernas altas, muitos giros, saltos e zero deficiência? É preciso desconstruir a imagem da bailarina europeia do início do ballet romântico e se perguntar, quais os corpos que existem hoje? Quais são as pessoas que querem dançar? E se para dançar só é preciso um corpo e o querer, porque, ainda hoje, a pessoa com deficiência é colocada no palco, quando ela chega ao palco, num lugar de superação e sem a exploração de suas possibilidades? Esta é a “visão distorcida que estimula e difunde a ideia de que a pessoa com deficiência é uma coitadinha, uma vítima e, por isto mesmo, intocável.” (CARMO, CASTRO, 2020 p.62), o que é um erro. Sendo assim, particularidades e individualidades não são, ou não deveriam ser, um problema dentro do ballet clássico, visto que são considerados pontos fortes em bailarinos de grandes companhias.

O ballet clássico pode estar em todos os corpos, o que não é possível é continuar com um padrão imposto que diverge das realidades corporais existentes e exclui quem foge desse padrão. Se a sociedade deve mudar para receber todas as pessoas, as danças também devem adaptar-se a essas possibilidades corporais. A inclusão é o meio necessário para que o avanço aconteça. Aqui se entende avanço como a realização de um ballet clássico que sai da teoria e vai para a prática em que todos realmente podem dançar. Quando se fala em incluir, é preciso sair da caixa do ballet que enquadra uma visão bípede, é preciso permitir que a dança acolha as características singulares e isso não a faz deixar de ser ballet, ainda com as piruetas e plié mas com as individualidades de cada pessoa que dança. Se cada aluno tem suas habilidades e

dificuldades, independentemente de ser ou não deficiente, há características a serem mais trabalhadas do que outras.

Com base nesta proposta de ruptura do olhar, que sai da caixa e se volta para o corpo como agente principal para a execução de qualquer modalidade de dança, é possível visualizar um ballet clássico que carrega consigo história, graciosidade e força, e retirar da sociedade a ideia de um ballet que valoriza primeiro o físico e a técnica estritamente realizada sempre sob os mesmos referenciais. O ballet, conhecido por ser um dos pontapés para tantas outras danças, pode vir a se tornar uma dança que acolhe corpos sem ideais físicos e, assim, poderá se tornar, de fato, uma dança inclusiva.

Com esse intuito, foram formuladas perguntas voltadas para os professores entrevistados de forma semi-estruturada com o intuito de conhecer as experiências profissionais, formação acadêmica, o entendimento do conceito de inclusão e a auto-avaliação quanto à capacidade de dar aulas de ballet a pessoas com deficiência, a fim de compreender como e se acontece o processo de inclusão nas escolas de ballet clássico do Recife. E, partindo dos resultados obtidos, pretendemos buscar alternativas e sugestões para os problemas encontrados tendo em vista a melhoria do processo de inclusão da pessoa com deficiência nesses espaços.

CAPÍTULO 2 - EM CAMPO

Sabendo que:

A dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. A dança é também uma fonte de comunicação e de criação informada nas culturas. Com a atividade lúdica a dança permite a experimentação e a criação, no exercício da espontaneidade. Contribui também para o desenvolvimento da criança no que se refere à consciência e à construção de sua imagem corporal, aspectos que são fundamentais para seu crescimento individual e sua consciência social. (BRASIL, 1997, p. 68).

segue uma análise das entrevistas e, por consequência, do cenário atual das escolas e academias de ballet clássico em relação ao processo de inclusão da pessoa com deficiência no Recife.

Na Escola Abadance, três professores foram entrevistados um homem e duas mulheres, a média de tempo de atuação como professores de ballet variou entre 3 e 10 anos de experiência e cada um relatou ter dado aulas de ballet a pessoas com deficiência apenas uma vez e em apenas um dos casos foi dentro da academia. A aluna tem aproximadamente 6 anos e é autista. Na escola há duas salas de dança, dois banheiros e três áreas de convivência, uma integrada à recepção e uma à cantina.

A Escola Baloné possui uma sala de dança, um banheiro e uma área de convivência onde se encontra a recepção. Duas professoras foram entrevistadas e o tempo médio de atuação em sala de aula variou entre 4 e 11 anos e ambas já possuíam experiência com o público pesquisado; na escola existem duas alunas com deficiência, ambas cadeirantes.

Na Escola Contatus, duas professoras foram entrevistadas, seus períodos de experiência variaram entre 5 a 20 anos. A escola possui três salas de dança, pequena área verde, dois vestiários (área de banho, banheiro com cabines individuais e pias), um banheiro social, área de convivência, sala de pilates e recepção.

Na Escola Dançãê, três professoras foram entrevistadas, o tempo de experiência delas variou entre 4 e 11 anos. A escola tem alunos com deficiência matriculados. A estrutura inclui piscina, área de convivência ampla com recepção, três salas de dança, sala de pilates, copa e dois banheiros. A escola possui ainda uma outra área que não foi levada em consideração pois era voltada a outras finalidades.

Quando os professores foram questionados sobre o que acreditavam ser o motivo de tal escassez de alunos com deficiência nas escolas, as respostas variaram entre a culpa das próprias escolas, que não demonstram estar abertas a receber esse público (o que causa a

desinformação), a mídia, a história de formação do próprio ballet clássico e o preconceito. “Se as escolas fossem de braços abertos, digamos assim, é estamos aqui pra receber vocês, né?” É... eles não se sentiriam assim, talvez eles procurariam, mas não tem, não tem essa visibilidade, né?” (informação verbal).³

Então, é a mídia, né? O histórico do ballet clássico a técnica dela é muito antiga, lá nos seus primórdios, só dançava gente magra, [...] só dançava gente com muita elasticidade, é... Mais mulheres, então hoje em dia mesmo ainda tendo atravessado muitas e muitas barreiras o ballet ele ainda é muito feminista, muito exclu, é.. inclu... exclui muito os gordinhos e tal, então... é complicado falar, mas eu acho que é a mídia. (informação verbal).⁴

Mesmo com todas as escolas deixando claro que recebem pessoas com deficiência para as aulas de ballet clássico, apenas 75% delas possuem alunos com algum tipo de deficiência. Nenhuma delas se encontra completamente preparada no quesito acessibilidade arquitetônica, mas a Escola Abadance e a Escola Baloné foram as que mais se aproximaram desse ideal, pois possuem entrada, área de convivência e salas de dança acessíveis. Nenhuma das escolas possui piso tátil ou banheiros adaptados.

A Escola Dançãê é a que está mais longe de ser acessível arquitetonicamente, pois o acesso da entrada na escola até as salas de dança acontece por meio de escadas. Vale salientar que essa escola não tem prédio próprio e o mesmo não foi pensado para ser uma escola de dança, porém, ainda assim, é a que possui maior número de alunos com deficiências, sendo elas o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a Síndrome de Down, num total de três alunos. Contudo, não foi citada, por nenhuma professora da escola, a busca por possibilidades de adaptação das entradas, tanto da escola em si, quanto das salas de dança, uma vez que nenhum dos alunos da escola necessita de tais adaptações.

A Escola Contatus chamou a atenção por estar em um processo de mudanças (também estruturais). Dessa forma, a direção da escola pensava junto a observação dos espaços, salas e vestiários, como poderiam ser feitas melhorias na sua estrutura física, como o acesso às salas de dança que possuem batentes altos e a adaptação dos banheiros e vestiários. O acesso à entrada da Escola Contatus já havia sido modificado de uma escada para uma rampa de acesso, com a intenção de tornar o seu espaço físico mais acessível. Mesmo sendo a escola

³ Entrevista concedida por CORTEZ, Ana. Entrevista 2. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (09:13 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

⁴ Entrevista concedida por JOTA, Alice. Entrevista 4. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (12:34 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

mais aberta, explicitamente, a mudanças para atender toda pessoa que queira fazer aulas na escola, ela não possui nenhum aluno com deficiência no momento.

Entretanto, apesar de as estruturas não serem ainda totalmente acessíveis, todos os professores demonstraram interesse em se aprofundar nos estudos e em metodologias para receber qualquer pessoa que tenha o desejo de fazer aulas de ballet em suas respectivas escolas. Sabendo que “quando criamos e nos expressamos por meio da dança, interpretamos seus ritmos e formas, aprendemos a relacionar o mundo interior com exterior” (LABAN, 1990, p.100), o ballet clássico pode ser visto muito além do seu objetivo técnico, pois ele gera troca de saberes, estimula a criatividade e a descoberta de possibilidades; dançar faz com que o bailarino coloque para fora o que há dentro de si.

A comunicação foi citada como fator importante ao se trabalhar com pessoas com deficiência nas aulas de ballet, perguntar como estão, o que esperam das aulas e do ballet, as dificuldades, coisas que independentemente do aluno ser uma pessoa com deficiência ou não, são primordiais para o desenvolvimento de aulas mais objetivas, que estimulem o aluno e o possibilitem avançar na técnica. Mas, para que isso de fato aconteça, o professor precisa estar capacitado em várias áreas, na área humana, ao saber reconhecer o outro, na área acadêmica, para entender o que é que difere cada aluno e suas potencialidades e nas áreas artística e afetiva para saber ouvir, compreender e fazer o melhor do outro aflorar através da dança proposta. Contudo, se é possível ter a presença da pessoa com deficiência no ballet clássico, o que causa a quase inexistência delas no ballet do Recife?

2.1 COMPARAÇÃO COM HIPÓTESES

Uma possível hipótese para essa escassez é a falta de qualificação dos professores, desde seu período como alunos de ballet até a formação enquanto professores que, muitas vezes, tem um início não formal. Outro fator é a reprodução daquilo que viveram em sala quando estudantes. A partir do despreparo em sua formação, estruturas físicas adequadas ao acolhimento de pessoas com deficiência não assumem caráter prioritário, o que perpetua a situação de exclusão evidenciada pela falta de escadas ou rampas de acesso às escolas e salas de dança. A falta de informação desses professores e donos dos espaços pode acabar bloqueando o acesso e a permanência das pessoas com deficiência no ballet. O acesso da PCD pode até ser negado por falta de formação para atuar em tais situações. Por consequência, não vemos pessoas com deficiência nos palcos e, com a falta de representatividade, o ballet clássico se torna cada vez mais distante desta realidade.

Entretanto, ainda que apenas 30% dos professores tenham formação em ensino superior concluída (excluindo aqui a professora Ana Cortez que possui formação em área distinta), dos 70% restantes, apenas metade está cursando uma licenciatura, seja em Educação Física ou em Dança. É levado em consideração aqui que uma das respostas mais frequentes dadas pelos professores quando foram questionados sobre a própria capacidade de dar aulas a uma pessoa com deficiência foi a de que o estudo e a pesquisa são as melhores fontes para a preparação; apenas 20% se sentem preparados para dar essas aulas e 10% ficaram em dúvida:

Não. Acho que a gente nunca está preparado, a gente sempre vai tá procurando saber mais e muitas vezes a gente acha que sabe muito mas acaba não sabendo de quase nada se brincar. Eu acho que não. Eu acho que o aprendizado é constante, todos os dias. (informação verbal)⁵

Mas, eu teria que me preparar muito pra dar essa aula, sabe? Quem é essa pessoa que está na minha frente? Qual a deficiência dela? De onde é que ela veio? Como é que eu vou fazer? Vai ser aula sozinha? Ou ela vai estar dentro de uma sala com outros alunos? Como é que vai ser isso? Então, teria que ter todo esse pré-aula, né? Mas, eu acho que...eu não sei se eu estaria totalmente preparada, mas, eu daria sim. Mas, eu acho que tem que ter um estudo por trás mesmo, sabe? Um preparo muito grande. Porque realmente é diferente, a gente sabe que tem que ser diferenciado, né? Não dá pra simplesmente a gente vim com nossa rotina de sequências de aulas e transmitir pra essa pessoa. Vai ter que ser diferente, né? Até pra que ela tenha acesso ao que a gente quer transmitir. (informação verbal) [sic.]⁶

Sendo a preparação profissional uma das opções mais comentadas, fica entendido que a graduação em Dança ou em Educação Física não são suficientes para o profissional que atua na área, é necessário ir além. Uma vez que, ainda que os cursos apresentem disciplinas voltadas ao ensino para a pessoa com deficiência, são poucas e por isso não dão conta de abranger tamanha diversidade de corpos. No curso de Dança, habilitação Licenciatura (UFPE), existem três disciplinas obrigatórias e uma eletiva que envolvem o estudo voltado para o trabalho com pessoas com deficiência. São elas, respectivamente: Metodologia do Ensino da Dança 5, Estágio Curricular 4 (vale salientar que ambas não são exclusivas para o

⁵ Entrevista concedida por FARIAS, Eugênio. Entrevista 1. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (11:38 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

⁶ Entrevista concedida por BELTRÃO, Bárbara. Entrevista 7. [jul. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (07:30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

estudo direcionado da pessoa com deficiência, pois incluem também estudos voltados para a pessoa idosa), Introdução a LIBRAS e Tópicos Sobre Inclusão de Pessoas com Deficiência (PCD) em Dança (que foi ofertada pela primeira vez no semestre complementar de 2020.3). No curso de Educação Física - Licenciatura, tendo como base o perfil curricular da UFPE e, como citado pela professora Joana Diniz, também de uma outra instituição de ensino superior, há apenas uma disciplina em ambos os currículos, Esporte Adaptado.

Durante a entrevista, a professora Ana Cortez comentou sobre o desejo de se aprofundar nos estudos da área em uma pós-graduação voltada à educação e à pessoa com deficiência. Hoje, na cidade do Recife, existe uma pós-graduação pioneira no Brasil, em Ensino do Balé Clássico, ofertada pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional (Faculdade IDE), uma instituição particular. Na grade curricular da mesma, de acordo com o site da instituição, não se encontra nenhuma disciplina específica para o ensino voltado a pessoas com deficiência, entretanto, em uma conversa não-formal com uma das coordenadoras pedagógicas da pós-graduação, a mesma garantiu que o assunto é abordado em todas as disciplinas levando os alunos a pensarem sobre tais questionamentos dentro de suas aulas e no ballet como um todo. Isso gera um pequeno avanço na formação desses professores que passam a enxergar o ballet com um novo olhar, mas não justifica a ausência de disciplinas que abordem as PCD de forma específica.

Outro ponto importante levantado para essa questão foi o olhar humano, a importância de enxergar o outro não pela deficiência, afinal, como diz a professora Luna Goes:

[...] é muito generalizado quando se fala em deficiência, né? Então, assim, eu tenho as minhas deficiências, eu tenho duas pernas, dois braços, aparentemente não tenho nada, né? Então é muito generalizado a questão da deficiência, geralmente se faz padrões. (informação verbal)[sic].⁷

É preciso olhar o outro sem lentes capacitistas e, como afirma Bianca Alvez (informação verbal)⁸ [...] pensar nas suas aulas sendo possíveis a todos, mas não pensar a deficiência, pensar como um aluno. Um aluno a mais que eu tenho como qualquer outro aluno.”[sic.] Não adianta apenas ter o discurso, é preciso pôr em prática, é importante a presença de todos os tipos de corpos para um bom aprendizado uma vez que a “construção de

⁷ Entrevista concedida por GOES, Luna. Entrevista 9. [jul. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (06:01 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

⁸ Entrevista concedida por ALVES, Bianca. Entrevista 5. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (05:46 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

conhecimento se dará sempre na relação com o outro” (KATZ, 2005, p.53 apud CARMO, CASTRO, 2020, p. 63).

Como afirmam Carmo e Castro (2020): “no entanto são visíveis e intoleráveis os descompassos da história de vida de pessoas/corpos que não atendem às demandas dos padrões e o cerceamento do mercado financeiro e de produtividade que giram nesse entorno.” (CARMO, CASTRO, 2020 p.68). Dessa forma, o rompimento da barreira dos estereótipos que permeiam o ballet clássico evidencia sua importância social, histórica e nos processos de ensino e aprendizagem para que as pessoas estejam e aprendam em ambientes comuns.

A partir dessas considerações, os professores foram indagados sobre quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos. Alguns pontos surgiram: a preparação do profissional, que aparece em muitas das questões levantadas nesta pesquisa; a necessidade de mostrar e convidar pessoas com deficiência para dentro das escolas para palestrar e promover uma comunicação maior entre todas as pessoas e a dança; a quebra de preconceitos e o olhar do professor para com o aluno. O preconceito é, inegavelmente, presente no ballet, e não se desfaz de forma repentina. Como por exemplo, algumas escolas que oferecem bolsas de estudo para rapazes com o intuito de trazê-los para dentro da cena, ou audições para meninas em busca de “novos talentos para lapidar” e isto é visto de forma positiva por outras escolas. Será que as escolas de dança promoveriam audições para pessoas com deficiência com o mesmo fim? Certamente a resposta para esta pergunta é não. Por isso, é preciso que o trabalho a ser feito comece imediatamente. É através desta quebra de barreiras que o olhar do professor para com o aluno muda e passa a ser de pessoa para pessoa. E assim, o questionamento volta à tona novamente, será que é utópico pensar num ballet clássico para todos os corpos? É preciso mudar. E a mudança começa em cada professor de dança que enxergue ou tenha o desejo de ver pessoas antes de características. Não adianta entender toda a teoria, é necessário agir para a mudança acontecer.

Ao questionar se o ballet é visto como uma dança inclusiva, 50% dos professores entrevistados responderam que não, e a outra metade ficou dividida, pois acreditam que a dança em si não exclui ninguém, mas que pela história e técnica, o ballet não é inclusivo. Observando estas respostas, somos levados a pensar se na dança, é possível separar a técnica de sua história. Uma vez que os estilos de dança se diferenciam de acordo com grupos em seus contextos que determinam suas técnicas e formas de dançar, não há como fazer tal separação, pois os princípios de movimento são específicos de cada modalidade. Se analisarmos, porém, a capacidade de modificação e adaptação ao longo do tempo é nítido que

o ballet já passou por períodos excludentes e que hoje ele abrange muito mais os diferentes corpos que se propõem a dançá-lo, ainda que o objetivo da inclusão não esteja totalmente alcançado.

O ballet clássico passou por adaptações históricas e técnicas e, ainda assim, pode-se dizer que elas ainda não chegaram cem por cento ao ideal que esta pesquisa propõe. Ainda é preciso avançar muito em termos de aceitação corporal. Uma dança não deve ser dividida entre a parte que inclui e a que não inclui as pessoas, sob o risco de criar uma polaridade no entendimento da dança: por um lado o reconhecimento da dança como reprodução técnica e, por outro, sua aceitação como atividade estritamente lúdica e expressiva. O ballet é a união da técnica e da expressão, um bailarino não está completo se lhe falta uma destas duas características. Apenas com técnica, o bailarino carrega consigo movimentos sem expressividade. Como imaginar os grandes ballets de repertório sem suas expressões corporais aliadas à técnica? Apenas com a expressão, o bailarino não dança o ballet clássico especificamente, pois é a técnica da dança que a distingue de outros tipo de dança, afinal, qual dança não necessita de expressão?

Quando pensamos na pessoa com deficiência, a dança pode acabar se direcionando para o lado apenas de expressão, o que gera um ballet particular, composto unicamente por gesticulações e de características capacitistas. Não podemos deixar a técnica de lado, pois ela é a caracterização da dança. Através da acessibilidade conseguiremos pôr em prática o ballet de forma inclusiva, com aulas de técnica, expressão corporal, criatividade e possibilidades que atendam a todos os corpos. A inclusão não trata de colocar todas as pessoas juntas em uma sala de aula, passar um determinado conteúdo e esperar que todas aprendam da mesma forma. Incluir é entender que todos têm o direito de aprender, é trabalhar de tal forma a atender às demandas dos corpos que participam das aulas, fazendo assim, com que os estudantes cheguem aos mesmos objetivos.

O ballet clássico não deve caber mais numa caixinha musical de jóias, a dança e os corpos que a fazem são outros e devem ser valorizados por suas possibilidades expressivas de forma a estimular o público consumidor do ballet a interpretá-lo de múltiplas formas. O ballet, assim como as demais formas de dança, é para todos que desejarem dançar.

CAPÍTULO 3 - UM TÚNEL A SER PERCORRIDO

Até aqui foi explanada uma visão do ballet clássico como arte e a inclusão da pessoa com deficiência no campo de utilização da dança como lazer. Entretanto, se o corpo com deficiência é capaz de estar e participar das aulas de ballet, por que não admitir a possibilidade desse corpo em cena? Por que não nas companhias de ballet clássico?

Conferir espaço para a diversidade na participação das aulas é afirmar que, mesmo com alguma deficiência, é possível ao corpo dançar. Se existe essa possibilidade, como não pensar na profissionalização desses corpos dentro desta técnica? O que pode estar em alguns discursos é a ideia de que só é permitido às pessoas com deficiência chegar até um determinado lugar, e isto, por si só, não é inclusão.

Carmo e Castro (2020) levantam indagações:

O que justifica professores e artistas da dança que ainda se negam a pesquisar novas metodologias e até mesmo recusarem-se a ter alunos ou pessoas com deficiência nas suas aulas e trabalhos artísticos? Por que os curadores ainda perpetuam um olhar capacitista, aquele da discriminação e do entendimento da incapacidade em relação à produção de artistas com deficiência? (CARMO, CASTRO, 2020, p.70)

No ballet, por se tratar de uma técnica, o indivíduo é ensinado de forma a evoluir na compreensão da dança e, com as instruções adequadas, se formar na mesma. Contudo, se a pessoa com deficiência não chega às escolas e academias de ballet clássico e, quando chegam, são muitas vezes colocadas sob um olhar capacitista, como fazê-los chegar à profissionalização? Carmo e Castro (2020) explicam bem ao afirmar que a pessoa com deficiência é colocada como a coitadinha na mídia para ganhar algum valor e que com isso é negada a sua aptidão para a construção do conhecimento.

Quando questionados se conheciam alguma pessoa com deficiência que atuasse como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico, os professores entrevistados, quase que de forma unânime, responderam que não. A única professora que respondeu que sim, mas não de forma próxima, foi Janaina Souza:

Lá em São Paulo no Instituto Fernanda Bianchini que era o Ballet de cegos. Ela enquanto diretora não tem deficiência, mas, vários bailarinos que ela formou, hoje são professores. Então...com deficiência visual. Não conheço de maneira próxima, já os vi, falando sobre, dando aula, né? (informação verbal)⁹

⁹ Entrevista concedida por SOUZA, Janaina. Entrevista 6. [jul. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

A inexistência desses profissionais na cidade e a quase inexistência no mercado da dança como um todo, é reflexo das dificuldades da profissionalização da pessoa com deficiência no ballet clássico. De tal modo, entende-se que não há professores ou profissionais na área porque não houve aluno que conseguisse avançar na técnica devido às dificuldades enfrentadas. Não apenas pelos professores com a falta de experiência com tal público, mas da própria pessoa que não consegue chegar a esses espaços por tantos fatores já listados anteriormente. Dessa forma, como reverter esta situação? A Royal Academy of Dance (RAD), instituição reconhecida internacionalmente pela formação de bailarinos e professores de ballet, deu um grande passo para que este processo de profissionalização acontecesse. A RAD criou um formulário para solicitação de Ajustes Razoáveis e Consideração Especial - Política e Procedimentos, para a realização dos exames de avaliação de alunos. Neste documento lê-se:

Ajustes razoáveis destinam-se a abordar condições (normalmente uma incapacidade ou outra condição médica) conhecidas no momento da inscrição. Envolvem mudanças no exame ou procedimentos administrativos. Quando não forem necessárias tais alterações processuais, normalmente informaremos ao examinador para que ele esteja ciente da condição de um candidato. (RAD, 2021, documento eletrônico)¹⁰

Atualmente, a instituição conta com cerca de 15 mil membros espalhados em 82 países, o que a coloca entre as mais influentes e maiores instituições voltadas à prática e ensino da dança. Passam pela banca examinadora por volta de 200 mil alunos a cada ano. A metodologia inglesa conta com dois programas de formação, o de Grades e o Majors, que são ordenados por idade e nível de desenvolvimento técnico. As aulas contam com a parte clássica e o movimento expressivo, de forma a contemplar um trabalho das várias possibilidades corporais dos alunos.

Assim, como está descrito no site da instituição¹¹, o formulário é uma solução para aqueles que estão preocupados se devem ou não prestar o exame da RAD e possuem alguma necessidade educacional especial, deficiência ou condição médica. O formulário deve ser enviado previamente à sede da RAD em Londres, para ser analisado e, se aprovado, as instruções serem enviadas ao examinador. Ao ter o formulário aprovado, o candidato terá seu exame ou procedimentos administrativos ajustados a suas necessidades. “Para salvaguardar a

¹⁰Formulário de Ajustes Razoáveis e Consideração Especial - Política e Procedimentos disponível em: <https://www.royalacademyofdance.org/exams/reasonable-adjustments/>

¹¹Informações sobre o formulário de Ajustes Razoáveis e Consideração Especial - Política e Procedimentos disponível em: <https://www.royalacademyofdance.org/exams/reasonable-adjustments/>

integridade da adjudicação, todos os candidatos serão avaliados de acordo com os mesmos critérios e não serão feitas concessões a este respeito.” (RAD, 2021, documento eletrônico)

Entende-se, então, que, ainda que o exame seja ajustado, o fato de os critérios de avaliação serem mantidos traz a ideia de uma avaliação que não é capacitista, que leva em consideração as potencialidades de cada indivíduo e não coloca a pessoa com deficiência como alguém intocável, coitadinha ou num lugar de superação. São pessoas fazendo um exame avaliativo de ballet clássico na mesma turma e sendo avaliados com os mesmos critérios; é um exame realizado com equidade.

A iniciativa inclusiva da Royal Academy se revela, de fato, como um túnel a ser percorrido, como algo que pode mudar a realidade do ballet clássico, trazendo à tona uma pluralidade de corpos e novas possibilidades de perceber o ballet. Assim, a instituição permite que quaisquer pessoas participem do processo de formação profissional no ballet clássico, de forma respeitosa para com suas necessidades. O que, historicamente, era visto como impossível, torna-se escolha. No Brasil, segundo informações da Live sobre Inclusão no Ballet Clássico do Ateliê da Macacko (2021)¹², já foram realizados dois exames da RAD com a utilização de ajustes razoáveis, para duas meninas de escolas diferentes, uma PCD e outra com necessidade educacional especial. É maravilhoso pensar num ballet que é receptivo. Por muito tempo só se encontravam nas escolas de ballet corpos selecionados, com linhas ditas perfeitas. Entender o ballet em sua essência, nos seus princípios de movimentação, é enxergar que todo corpo é corpo possível para a dança, e a RAD deixa isso explícito ao elaborar tal formulário.

Para realizar os exames, é necessário enviar um formulário de candidatura e efetivar o pagamento das taxas referentes ao exame. A matéria a ser estudada para a avaliação deve ser passada pelo professor com antecedência e estudada pelos candidatos. Não há uma idade máxima para a realização dos exames, entretanto, a depender do exame prestado, é necessário o cumprimento de um exame como pré-requisito. Este segundo exame poderá ser feito de forma simultânea, exceto no último grau de avaliação, o Solo Seal, que não admite a realização simultânea do seu exame pré-requisito.

Na cidade do Recife existem apenas duas escolas autorizadas a utilizar, de forma regular, a metodologia inglesa da Royal, mas ambas não participaram da pesquisa, uma por não estar funcionando de forma presencial e a outra por não atender em tempo hábil o contato para a realização da mesma. Entretanto, muitos professores tomam a metodologia como

¹²Live sobre inclusão no ballet clássico, Ateliê da Macacko. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CRca-5rgEq_/?utm_medium=copy_link

referência ao trabalhar com o ballet infantil, uma vez que a RAD tem um programa que trabalha a partir da ludicidade, desenvolvendo princípios técnicos através de brincadeiras e diversão.

Entretanto, no "túnel a ser percorrido", será que nele aparece uma luz por uma fresta de rachadura e não nele em si? Ao realizar os exames de admissão/seleção para ingressar na Royal Ballet School (RBS), o processo é rígido e conta com alto padrão de avaliação técnica dos participantes. Contudo, o Royal Ballet School não é vinculado à RAD, como costumeiramente se imagina. Dessa forma, o que traria uma contrariedade para a situação, na verdade, não tem ligação direta, pois se tratam de instituições distintas. O RBS é a escola oficial do Royal Ballet, que fica localizada no Royal Ópera House, também em Londres, e ambos não integram a Royal Academy of Dances.¹³

¹³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CQZEFWMgpdT/?utm_medium=copy_link

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações realizadas, fica evidente que o ballet clássico na cidade do Recife ainda tem muito a avançar no quesito da inclusão da pessoa com deficiência, seja de forma estrutural, na qualificação dos professores para trabalhar com PCD ou no campo da pesquisa. Entretanto, ao mesmo tempo que é notável o desejo dos professores de ballet em mudar a realidade atual, também há uma resistência. A ideia de que pode ser mudado, mas que “não sou eu quem vai mudar” ainda existe. Mas o que causa essa resistência? É necessário que essa revolução dentro do ballet se inicie. As pesquisas na área são mais do que necessárias neste momento, pois é através delas que surgirão os avanços para a transformação do ballet e da dança.

Após a análise das entrevistas, dos espaços e do cenário atual, é possível pensar num ballet clássico que enxerga pessoas e não as vê através de lentes capacitistas. O ballet na cidade tem tudo o que precisa para ser, de fato, uma dança inclusiva. Há o potencial de efetivação de uma proposta inclusiva pois existem professores buscando uma capacitação adequada e que acreditam que o ballet é para todos. Existem escolas que desejam e planejam melhorar suas estruturas físicas para acolher bem todas as pessoas. Há pessoas com deficiência, poucas, mas que procuram as aulas e desejam atuar na área. Uma dança que já passou por tantas mudanças desde sua criação, revoluções quanto às roupas, calçados, músicas e, sobretudo, seu vocabulário e tendência estética, está aberta para novas possibilidades que surgem com os corpos que fazem do ballet uma dança tão amada. A pessoa com deficiência precisa ter seu espaço reconhecido no ballet, e devemos normalizar esta ideia.

As entrevistas foram bastante esclarecedoras sobre a visão geral do ballet clássico na cidade do Recife, uma vez que os professores se mostraram verdadeiros em suas palavras e abertos à realização de mudanças em seus espaços e práticas de ensino. As escolas de ballet clássico e de dança como um todo, são lugares de troca e aprendizagem. Apesar da pouca experiência dos professores com aulas para pessoas com deficiência, é na prática que grande parte desse conhecimento será construído. É através da inclusão de propostas que explorem formas de atender todas as pessoas, que as aulas de ballet clássico se tornarão mais acessíveis e enriquecedoras, proporcionando outras formas de aprender.

Quando abordamos escolas acessíveis, há algumas coisas a serem melhoradas. Quanto à acessibilidade atitudinal, uma proposta válida a ser levantada é em relação às pessoas que

estão à frente das escolas, sejam elas donas, diretoras, professoras, secretárias ou recepcionistas. Não sabemos a forma como os funcionários da escola de dança vêem as pessoas com deficiência, mas é necessário desenvolver atitudes respeitadas no ambiente de acolhimento. Se ao chegar numa escola de dança, depara-se com uma atitude preconceituosa, capacitista e que de alguma forma inferioriza determinadas pessoas, é criada uma barreira, e muito além de ganhar ou não um novo aluno, a escola perde seu valor.

Quanto à acessibilidade arquitetônica, a situação é, de certa forma, mais preocupante. Poucas são as escolas que têm suas estruturas físicas adaptadas e nenhuma das escolas que participaram da pesquisa têm banheiros adaptados. Para acolher a todos os corpos é preciso ter uma boa estrutura. O acesso às escolas e às salas de dança, bem como a banheiros adequados, são parte do mínimo necessário para que esse acolhimento aconteça.

No quesito acessibilidade metodológica, é preciso investir. Uma equipe de professores que constantemente se atualiza, e isso também se configura como um investimento da instituição de ensino, é um grupo com mais ideias e criatividade. Para a acessibilidade metodológica ser alcançada a atualização do profissional deve ser constante, afinal, há muito a ser compartilhado, apreendido e transmitido, conforme os conhecimentos sobre as múltiplas deficiências no contexto educacional são abordados e vivenciados. Cursos, oficinas e rodas de conversa são uma boa opção para que o debate sobre a inclusão no ensino do ballet clássico esteja sempre em pauta e que aconteça a troca de experiências e de ideias como forma de auxiliar esses docentes na construção de um trabalho metodológico cada vez mais acolhedor e eficiente.

Apesar de a acessibilidade nos transportes não depender dos professores e das escolas de ballet em si, é conveniente que haja uma comunicação entre a escola e a instituição responsável pelos transportes e pela acessibilidade arquitetônica urbana para que qualquer problema nos entornos da escola possam ser observados e possam ser encontradas soluções em casos de necessidade.

Por fim, em relação à acessibilidade de comunicação, é necessário capacitar os profissionais. Nenhum dos professores entrevistados comentou sobre esse tipo de acessibilidade e, por consequência, não foram documentados profissionais que se comunicam através da Linguagem de Sinais, LIBRAS, por exemplo. Se um aluno, pai ou responsável surdo chegar à escola, como será realizada a comunicação? Entendendo que esse processo vai além do falar em LIBRAS e passa pela entrada de novos alunos, compreende-se a importância de ter as informações expostas de forma compreensível a todos, afinal, se o espaço está aberto a receber qualquer pessoa, é necessário saber se comunicar com elas.

A dança, como manifestação de cultura, deve trazer intrínsecos à sua manifestação o respeito pessoal e ao outro, o conhecimento próprio, a diversão e a sensibilidade ao mundo e às possibilidades do mover-se. Esse processo tem muito a ganhar com a pluralidade de corpos e a construção de uma via que ensina e aprende à medida que faz dança. Normalizar os corpos com deficiência na dança ultrapassa o conceito de estética e adentra numa questão social e história. Essa é a resposta de uma luta que já durou muito tempo, já matou e excluiu muitas pessoas, e que agora está aberta a acolher, a permitir o olhar positivo sobre o mover fora “da caixa” e o tornar conhecido todo corpo que deseje dançar.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fabiana. 50º espetáculo Lúcia Helena D'Angelo. **Na Ponta do Pé**, Recife, 08 de dez de 2017. Disponível em: <https://www.napontadope.com/50o-espetaculo-do-ballet-lucia-helena-dangelo/> Acesso em: 11 de ago. de 2021.

ANTUNES, Aline. Studio de Danças, no Recife, completa 40 anos. **Na Ponta do Pé**. Recife, 30 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.napontadope.com/studio-de-dancas-no-recife-completa-40-anos/> Acessado em: 12 de ago. 2021.

ALVES, Bianca. Entrevista 5. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (05:46 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

ATELIÊ DA MACACKO. Inclusão no Ballet Infantil. São Paulo. 17 de jul. 2021. Instagram: @ateliendamacacko. Disponível em https://www.instagram.com/tv/CRca-5rgEq/?utm_medium=copy_link Acesso em: 17 de jul. de 2021.

BALLET MARGOT DUARTE. Ballet Margot Duarte. Recife. 22 de mar. 2018. Instagram: @balletmargot. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bgow4yQl8YJ/> Acesso em: 12 de ago. 2021.

BELTRÃO, Bárbara. Entrevista 7. [jul. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (07:30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

BRASIL. Decreto nº 186/2008: Decreto nº 6.949/2009, 2012. Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência: protocolo facultativo à convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência: Secretaria de Direitos Humanos, Brasília, 4 ed. revista e atualizada.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARMO, Carlos E. O. Desnudando um corpo perturbador: a “bipedia compulsória” e o fetiche pela deficiência na Dança. **Revista Tabuleiro de Letras (PPGEL/UNEB)**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 75-89, 2019.

CARMO, Carlos E.; CASTRO, Fátima. Desconstrução da bipedia compulsória na dança. **Revista Educação, Artes e Inclusão**; v.16, n. 4, 59-84, out./dez. 2020.

CLARO, Catarina. **Avaliação de um programa de dança em jovens com necessidades educativas especiais**. 2012. 117 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012.

CORTEZ, Ana. Entrevista 2. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (09:13 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais Secretaria de Educação Especial. MEC:Brasília. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 14 abr. 2021

DINIZ, Joana. Entrevista 3. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (09:12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

DOS SANTOS. Jusiany; VALENGA. Carmem; BARBA. Clarides. Os paradigmas históricos da inclusão de pessoas com deficiência no Brasil. **REEDUC**, [s.l.] v.14, n. 35. p.314-340, 2017.

ESTRELA, Jade. Entrevista 8. [jul. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (06:19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

FACULDADE IDE. **Pós-graduação no Ensino do Balé Clássico turma 2**. Disponível em : ><https://www.faculdadeide.edu.br/pos-graduacao/ensino-do-bale-classico--turma-2>< Acesso em 05 de jul. de 2021.

FARIAS, Eugênio. Entrevista 1. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (11:38 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

GOES, Luna. Entrevista 9. [jul. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (06:01 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

JOTA, Alice. Entrevista 4. [jun. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (12:34 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LACERDA, Ester. Entrevista 10. [jul. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (06:49 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada, aprovada pela Assembléia Geral da ONU em dezembro de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm
Acesso em 05 de abr. 2021

PEREIRA, Roberto. **A formação do Balé Brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p.316

ROYAL ACADEMY OF DANCE. Ajustes razoáveis. Exames. Formulário de ajustes razoáveis. Londres, 2021. Disponível em: <https://www.royalacademyofdance.org/exams/reasonable-adjustments/> Acessado em: 18 de julho de 2021.

ROYAL ACADEMY OF DANCE BRASIL (RAD Brasil). 100 Anos da RAD. São Paulo, 17 de ago. de 2020. Facebook: Royal Academy of Dance Brasil Ltda. Disponível em: <https://www.facebook.com/RoyalAcademyofDanceBrasil/posts/3394811113904044/> Acesso em: 09 de agosto de 2021.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Causa, impedimento, deficiência e incapacidade, segundo a inclusão. **Revista Reação**, São Paulo, ano XIV, n. 87, p. 14-16, jul./ago. 2012.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 5.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SOUZA, Janaina. Entrevista 6. [jul. 2021]. Entrevistador: Elissandra Cavalcante Brasil. Recife, 2021. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.

ANEXO A

ENTREVISTAS

ESCOLA A Escola Abadace

Professor(a): A1 Eugênio Farias

Profissão: Professor de Ballet Clássico e instrutor de FitDance

Formação Acadêmica: Cursando Educação física (Bacharel)

1)O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

“Pra ser bem sincero, é... No início, eu nunca imaginava que eu ia dançar, é... Eu era de grupo de igreja que uma pessoa me apresentou a dança em si, aí “faz o teste, tudinho” -não eu prefiro ficar na parte da... da produção e tal. “não, mas faz um teste na dança!” Ai passei, e a partir daí comecei a gostar. Aí nisso, essa pessoa me apresentou a Escola Abadance, que estava tendo... tinha aberto vagas pra bolsistas, ai eu vim, fiz uma aula experimental, e acabei ficando. Só que como eu já tinha tido... é... tido vivência do balé contemporâneo, aí minha mente era mais pro contemporâneo. Aí quando eu realmente comecei a fazer e tal e vivenciar realmente, acabei me apaixonando totalmente, e é tipo isso mesmo. **(E a dar aulas, quando começou?)** Eu comecei a dar aulas mesmo de ballet clássico num colégio (x). **(Mas por necessidade ou porque surgiu a oportunidade?)** Foi mais por necessidade, que tava... tinha aberto vaga, e eu tava disponível. Ai fui, coloquei meu nome, me chamaram e tô lá até hoje. Já vai fazer 4 anos, eu acho.

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Mais ou menos quatro anos.

3)Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

“Inclusão? (pausa) Pra mim, é você ter algo e você quer incluir aquilo na sociedade, quer deixar mais acessível pra todo mundo. Eu acho que inclusão, anda muito ligado com acessibilidade, mais acessível.

4)Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

Não. Principalmente para homens, acho que ainda tem muito negócio de... de... como eu posso falar? esqueci as palavras, é... Eu acho que não realmente, porque na sociedade em si, ainda é muito... a palavra que não vem... muito.. julga muito você, sabe? Aí por esse lado não é... é muito difícil você ter essa inclusão porque é... vão julgar você absurdamente. Acho que pras mulheres em si é mais fácil ter essa inclusão, ter esse “abraço” maior na sociedade do que, realmente, com o homem, e é muito complicado. **(E quando se fala da pessoa com deficiência dentro do ballet clássico, tu acha que essa inclusão acontece?)** A pessoa com deficiência? independente de qual seja? Eu. Assim, eu acho, eu acho... que existe sim a inclusão, mas eu acho que ainda tem muita gente despreparada para tal coisa, eu acho que ainda tem muito o que aprender na verdade sobre isso.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência?

Pra mim, né? O que é mais essencial, você realmente saber o que está fazendo, como trabalhar, porque a gente trabalha como corpo e no meu caso, eu acho que tanto pra área de dança, quem faz dança, quanto educação física, você estuda tudo que tem em relação ao corpo, você estuda o psicológico de adulto, criança, tarará... então, acho bom você conhecer um pouco do ser humano e das supostas deficiências que pode ter e você saber trabalhar em cima daquilo, hoje em dia tem muito, muita gente, ao menos lá no colégio tem muita procura em relação ao autismo. Que pra ser bem trabalhado você precisa primeiro conhecer, em relação ao autismo, em qual grau está... pra você ter uma noção de como fazer isso.

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Eu dei aula a uma aluna (**aqui?**) no colégio. Ela usava botinha nas duas pernas, era só ela na turma que tinha deficiência. Chegava a ser um pouco difícil de se trabalhar com ela porque ela tinha uma mente muito, como posso falar? uma mente muito fechadinha, então pra você conseguir realmente, tipo, aflorar aquela pessoa, era muito mais difícil, aquela criança era bem difícil, porque ela era bem fechadinha, mas... eu acho que eu trabalhei com ela uns 3 meses apenas, ela saiu porque passou a ter, a precisar ir muito no fisioterapeuta, então o tempo não batia. (**Aqui então, tu não deu aula a ninguém com deficiência?**) Não. Apenas, na verdade, dá, dá, dá aula não, assim, né, dei aula hoje mas não foi na minha turma. (**Já substituiu, né? Eventual.**) Isso.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

Independente de qual for? (**independente de qual for.**) Não. Acho que a gente nunca está preparado, a gente sempre vai tá procurando, saber mais, e muitas vezes a gente acha que sabe muito mas acaba não sabendo de quase nada se brincar. Eu acho que não. Eu acho que o aprendizado é constante, todos os dias.

8) Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Não.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

O que falta? (**ou algo que acontece e precisa melhorar, tem baixa visibilidade**) A preparação mesmo, a preparação do profissional que vai dar aquela aula. Em relação a acessibilidade, eu acho que é tranquilo de cada escola ter como ajeitar e tal, organizar isso. Mas eu acho que é mais o preparo, o trabalho do profissional. (**Nas escolas que tu desse aula como eram as turmas? Por exemplo, a aluna fazia aula sozinha..**) Eram com e sem deficiências juntas. Eu gosto dessa forma, principalmente esse trabalho de dança.

Professor(a): A2 Ana Cortez

Profissão: Professora de Ballet Clássico

Formação Acadêmica: formada em Ciências Contábeis e cursando Licenciatura em Dança (4º período)

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

Paixão.

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

3 anos

3) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

Inclusão pra mim é dar acessibilidade, acesso, as pessoas que não tem, né, tanta é... como posso usar? Porque quando eu penso em inclusão, na verdade, automaticamente vem pra mim

peessoas que não tem condições de serem incluídas naquele meio, mas é, e isso a gente pensa devido a sociedade que a gente vive. porque quando a gente pensa assim “ah, mas fulano não foi incluso, ele não tá incluído naquele meio” a gente pensa que de alguma certa forma existe um certo preconceito ali por algum motivo, né? Seja condição financeira, porque quando a gente pensa no ballet a gente pensa muito em condição financeira, né? Isso a gente tem, por exemplo, aqui na Escola Abadance a gente teve por muito tempo, lembro que teve anos que os homens foram bolsistas porque não tinha essa inclusão deles no mercado da dança, né? No ballet clássico em si. E uma forma da gente incentivar era poder deixar os bolsistas, como se eles tivessem um incentivo pra poder participar, um incentivo pra eles terem vontade e serem incluídos naquele meio.

4) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

Não. Por causa da história da sociedade, por causa da história de como o ballet clássico surgiu, porque o ballet clássico na verdade surgiu nas famílias ricas, né? E desde quando ele surgiu ele não era uma dança inclusa, só tinha acesso quem realmente tinha condições (financeiras). A gente vem tentando quebrar isso com o tempo mas não é uma, uma, não acho que seja uma dança inclusa. **(E quando se trata de ballet clássico e pessoas com deficiência, tu acha que essa inclusão acontece?)**. Não. De jeito nenhum, ela não acontece porque, na verdade, nem as escolas estão preparadas pra receber esses alunos, enquanto nós deveríamos estar, incentivar, na verdade, a participação delas.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a um a pessoa com deficiência?

Conhecimento. Na área deles, porque a gente acha que trabalhar com uma criança, um adulto, enfim, um adolescente que tenha uma deficiência “é simplesmente pegar e fazer isso aqui, aquilo dali, que vai dar certo” na verdade não é. Eles precisam de uma atenção, né? Diferente não que eles tem que ser tratados de maneira diferente das outras pessoas dependendo da deficiência deles, mas que a gente precisa ter um conhecimento sobre aquilo, né? Num.. É um, uma pessoa que ela tem uma deficiência em algo e a gente precisa se capacitar pra receber bem aquele aluno e fazer ele progredir, né? O aluno, o aluno progredir.

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Sim. É... Eu dei uma vez, tive uma experiência com uma aluna que tinha síndrome de Down, e foi a melhor experiência da minha vida, porque eu sempre escutei muito que as crianças com síndrome de Down, as pessoas com síndrome de Down eram muito inteligentes, mas eu não tinha vivido isso de fato e assim, eu escutava mas pra mim, sabe? Não era algo que, “tá...” acredito mesmo, eu só escutava. Até que eu tive uma aluna com síndrome de Down, e ela era uma aluna assim, muito inteligente, muito desenrolada, muito esforçada, se eu dava uma coisa hoje na aula semana que vem ela já chegava per... falando do que a gente tinha feito na aula passada, e assim, foi uma experiência muito rica, muito bacana, porque por muitas vezes eles são tratados de forma diferente e não precisa ser tratado de forma diferente, né, eles têm, é... a sua, eles têm geralmente um QI mais elevado e as vezes isso é bom mas também tem a parte que eles ficam muito ansiosos e você precisa saber também dosar isso, mas pra mim foi uma experiência muito rica, muito bacana. **(Tu deu quanto tempo aula pra ela?)** Um ano, foi antes de estourar a pandemia.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

Não. Porque eu preciso me capacitar pra receber essas pessoas, inclusive, uma das pós que eu quero fazer é pra, com pessoas, pra trabalhar com pessoas com deficiências, porquê eu não acho que a gente, eu acho que todo mundo que trabalha com essas pessoas precisam se capacitar e eu acho que eu preciso me capacitar pra isso.

8) Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Não.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

Ai... tantas coisas! Eu acho que precisaria primeiro desconstruir muito da história do ballet clássico, que a gente já vem desconstruindo, na verdade, com o tempo, mas não temos nada que seja assim uma regra, né, o “isso aqui agora, a partir de hoje, vai ser assim, assim, assim” mas eu acho que a gente precisa desconstruir algumas coisas, alguns preconceitos que existem na história do ballet clássico. Segundo, são a capacitação das escolas, não é só simplesmente chegar “olha gente, aqui aceita alunos com deficiência...” Não, acho que os professores precisam se capacitar, precisa ter um treinamento pra isso e o lugar mesmo em si

precisa estar, né, adequado pra receber essas pessoas, porque a gente pode receber pessoas com deficiências de todos os tipos de deficiência e a escola precisa estar preparada pra isso, né? Por exemplo, é... Se tem um cadeirante que quer fazer ballet clássico, talvez a nossa barra não sirva pra ele porque ela é muito alta, porque é pra altura da gente que tá em pé, e talvez ele esteja sentado tem que ser uma barra mais baixa e a gente não tem isso nas salas, a não ser que seja numa sala infantil, mas pode ser um aluno que faça ballet com a turma adulta, e aí teria que ter essa barra adequada pra ele, né. Como por exemplo, se a escola for um piso mais alto teria que ter uma rampa pra ele poder subir na cadeira dele, né? Então eu acho que a escola primeiro de tudo precisa se capacitar e segundo, né? Se adequar que, na verdade, quando você se capacita, tudo isso vem como consequência, né? Porque você vai entender as necessidades, a real necessidade daquela pessoa. **(quanto a estrutura de aula, quando tu pensa, por exemplo, está dando a aula e vai chegar um aluno que tem algum tipo de deficiência, como tu se ajustaria a isso?)** Eu estu... Primeiro eu precisaria saber qual é a deficiência dele, né? Eu ia ficar muito preocupada, muito nervosa porque assim, quando eu recebi a minha aluna com síndrome de Down eu não sabia que eu ia receber, simplesmente cheguei e ela já estava lá e não foi algo que foi me avisado assim, eu não pude me preparar, e aí nesse primeiro dia foi mais pra receber e aí quando chegou em casa eu fui estudar sobre as crianças com síndrome de Down pra entender como é que eu poderia trabalhar com ela e foi quando eu vi que eu poderia trabalhar normalmente com ela, mas existem outros tipos de deficiência que eu ia precisar estudar, né? Entender mais sobre a deficiência pra poder preparar uma aula. Porque a gente prepara uma aula, por exemplo, pra uma criança de seis, sete anos sabendo que elas, o que mais ou menos é pra faixa etária delas, então eu funcionaria da mesma forma como uma pessoa que tem um certo tipo de deficiência, né? Eu precisei entender a deficiência dela pra conseguir saber o que é que eu vou adaptar, o que é que eu vou precisar adaptar do ballet clássico pra ela ou não precisar adaptar, é entender mais sobre ela. **(Tu colocaria então esse aluno numa sala com outros alunos ou tu preferiria trabalhar com ele de...)** Não, numa sala com outros alunos, ele seria incluído. Né? Se eu separo, eu não estou incluindo ele no momento.

(Porque tu acha que apesar de, da gente ter pessoas assim, né? Como tu estava pensando, pessoas que buscam se capacitar, tem essa procura, porque não existe a procura das pessoas com deficiência no ballet clássico, especificamente nas escolas de formação de ballet? No caso da escola A por exemplo.) Porque elas não se acham inclusas, elas já têm isso na cabeça de que isso não é pra elas, primeiro por uma questão da sociedade antes de tudo que todos as pessoas com deficiência elas têm esses pensamentos de que elas

não vão ser aceitas de que até no círculo de amigas mesmo elas acham que não vão ser aceitas, né? Uma questão da sociedade que foi construída em cima delas e segundo porque elas acham que a escola não vai, que elas não vão se adaptar aquele a... ao ballet porque elas não vão ser capazes de cumprir, né, de fazer, talvez porque, um cadeirante, por exemplo, que não vai conseguir ficar em pé e fazer um plié, ele acha que no ballet só vai ter isso e que, na verdade, não é, né? Ele pode fazer muitos movimentos com braço, ele pode dançar na cadeira de rodas, então acho que falta, tem esses dois pesos, né? Primeiro o peso da sociedade, que vem das, na nossa construção é inevitável e segundo porque eu acho que eles não se sentem realmente capazes pra aquele tipo de modalidade e porque falta nas escolas, né? Se as escolas fossem de “braços abertos”, digamos assim, é “estamos aqui pra receber vocês, né?” É... eles não se sentiriam assim, talvez eles procurariam, mas não tem, não tem essa visibilidade, né? Acho que é isso.

Professor(a): A3 Joana Diniz

Profissão: Professora de Ballet Clássico e Dança

Formação Acadêmica: cursando Educação física (Bacharel)

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

O que levou ba... é... trabalhar com ballet? Assim... esse negócio de gravando num vai dar certo (risos)... Então, Maria¹⁴ fazia ballet, eu fazia ballet desde que eu me entendo por gente, aí mainha sempre fez ballet, aí mainha começou a dar aula de ballet. Aí, é... eu fazia ballet em escola, depois mainha começou a dar aula de ballet na escola que ela trabalhava e eu comecei a fazer lá, quando mainha abriu a Escola Abadance, aí eu fazia só a aula, mas quando mainha ficou doente que ela precisou que eu desse aula, entendesse? Porque eu ficava só assistindo. Quando ela ficou doente que precisou fazer a cirurgia, aí eu comecei a dar aula.

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Acho que há uns dez anos, nove anos, por aí.

3) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

¹⁴ Nome fictício, de uma professora temporariamente afastada da Escola Abadance.

Porque, eu acho que você pode dançar ballet, se você tiver deficiência auditiva você consegue dançar ballet, se você tiver deficiência visual você consegue dançar ballet, se você for cadeirante você consegue dançar ballet. Então eu acho, sim, que é uma dança inclusiva.

4) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

Inclusão? Eu acho que é, na minha opinião, algo que todo mundo possa fazer, independente das suas limitações.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a um a pessoa com deficiência?

Primeiro, ter formação básica de ballet, depois eu acho que tentar passar pela experiência, é... tentar se colocar no lugar daquela criança ou daquele adulto, tipo, se for um deficiente auditivo, você tentar fazer as coisas sem conseguir ouvir, ou tentar passar pela experiência mesmo, se colocar naquela deficiência,

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Não, eu... Minha primeira aluna agora que tem alguma limitação ela é autista, mas deficiência física, deficiência auditiva ou visual, nenhum desse tipo. **(e como é que acontece as aulas com essa menina? Ela fica numa turma especial, ela faz com todo mundo, como é que é?)** Ela tem sete anos, mas ela fica na turma mais atrasada do baby, porque além dela ser autista ela não desenvolveu a fala, entendeu? Então, pra eu conseguir uma comunicação com ela é muito difícil. Agora ela começa a deixar eu tocar nela, corrigir, mas, e ela ainda é muito rebelde, porque ela é respondona mesmo sem falar ela resmunga do jeito dela e tipo, ela não faz, ela não faz, aí agora que ela já tem intimidade comigo ela deixa eu tocar nela, eu sempre perguntei assim “vou tocar em você, posso?” aí ia lá botava tudinho direitinho, tinha as limitações dela em relação a barulho ou objetos dentro da sala que, tipo, ela não gosta, aí a gente tira, mas tudo que é em relação a ela eu aviso antes, eu pergunto antes, tento ir com calma. Porque além da, do autismo dela que a mãe dela não sabe me dizer o grau nem nada, ela não fala, só faz alguns barulhos, entendeu? É bem complicado. **(então no caso tem algum aluno com deficiência que faz ballet na Escola Abadance além dela não, né?)** Não, até porque não tem procura. Mas tipo assim, a gente nunca negou nenhum aluno, nada do tipo. Eu acho, não tenho certeza, há muitos anos atrás, eu não sei se foi visual ou se foi

auditivo, mas que não chegou a ficar, eu não tenho certeza, acho que Maria já teve, mas eu nunca tive.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

Eli, eu não vou dizer que eu tô preparada, porque eu nunca tive a experiência. Eu acho que pra dizer que eu tô preparada ou não depois que eu passar por aquilo. Tipo assim, vou ter uma aula, aí eu vou ver, “putz, não vai dar” ou se não “não, posso melhorar nisso”, ou se não, tipo assim, “eu não consigo” ou “foi tranquilo” entendeu? Eu não posso dizer com certeza se eu tô preparada ou não. **(tu acha que se existisse alguma coisa que tu tivesse ou soubesse, ajudaria nesse processo?)** Assim, na faculdade eu tenho aula de adaptada, educação física adaptada, então a gente já passou por algumas situações de professor largar a gente na faculdade de olhos vendados, e tipo assim, “se vira” com a faculdade sinalizada e tals. É muito difícil. Mas em relação a dança, tipo, parada num lugar, se eu fechar o olho, tentar mentalizar, não sei dizer. Porque só em andar a gente, se colocando na situação de andar e tals, a primeira vez é muito angustiante, você pensa na pessoa em si, que já tá com aquela dificuldade já há um tempo já tá adaptada como é, né?

8) Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Não.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

Eu acho que falta divulgação, porque eu acho que assim, lá no ballet a gente nunca teve, nunca vi procura. Acho que num teve nem interesse dos pais para colocar, acho que falta divulgação de tipo assim, que eles também podem fazer isso, entendesse?

(era outra pergunta, mas como tu disse que a aluna é novata, acho que por conta da pandemia ela não pegou festival, apresentação, né?) Ela não, eu acho que não por mim, mas por ela, ela não participaria. Porque ela é muito... não sei explicar a palavra, mas é muito não, ela depende muito das outras crianças. Tipo, ela vai pra sala? Ela vai, se as outras crianças forem. Semana passada ela tava sozinha com professor Eugênio Farias e não quis fazer aula de jeito nenhum. Ela fica esperando as outras crianças, eu acho que mesmo se as outras crianças tivessem no palco, eu acho que ela não dançaria, ela poderia até entrar, mas

ela não iria fazer nada, porque ela tem muito o tempo dela, tem dia que ela faz tudo, tem dia que ela não faz nada e eu não cobro dela que nem eu cobro das outras meninas, entendesse?

(sim)

ESCOLA B Escola Baloné

Professor(a): B1 Alice Jota

Profissão: Proprietária e diretora da Escola Baloné, Professora de Ballet Clássico e Jazz

Formação Acadêmica: cursando Licenciatura em Dança

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

Vixe, Maria! É uma história longa... Eu faço ballet desde os meus três anos de idade, certo? Comecei a dar aulas com 15 anos, e assim, desde pequena eu era muito estimulada na escola que eu estudava, que era uma escola do bairro onde eu moro. É ... tem muitas apresentações e eu sempre me via estimulada com aquilo, certo? Eu sempre era a principal, decorava muito fácil, é... Quando precisava de gente pra dançar nas outras danças das outras turmas, eu sempre tava dançando e me chamando, sabe? Aí tem um histórico de quando eu chegava no dia da apresentação eu fazia tudo do meu jeito, eu mudava a dança inteira e fazia do meu jeito. Quando eu era, mais ou menos, da quarta série, terceira série, quarta série, né? Do, do nosso antigo ensino, né? Porque hoje tá tudo diferente, eu não sei como tá a nomenclatura, mas eu acho que agora seria quinto ano, né? Que agora é ano. É... As professoras na minha escola tinham o “Boa tarde”, era uma dança, a gente fazia um círculo e cada professora ficava responsável na semana de fazer uma coreografia pra gente chegar, fazer aquele círculo antes de ir pra sala de aula, né? E aí as professoras me pegavam antes pra fazer a coreografia. Então isso foi sempre muito forte em mim, eu coreografava pra abertura dos jogos no meu outro colégio, pra minha turma e pras outras turmas inferiores a minha. E aí, com 15 anos a escola onde eu estudei do maternal até a quarta série, me chamou pra dar aula de ballet e ai eu super topei e fui. Fui, fui, fui... E ai entrei no curso de licenciatura em dança, e é uma coisa muito forte em mim, sabe? Então eu sempre, sempre soube que seria isso.

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Eu dou aula há 11 anos.

3) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

Ixe, Maria... Inclusão... É muito difícil falar sobre inclusão, pra mim. Porque desde a minha família, da minha criação, da minha formação, nunca ninguém teve excluído. Então, assim, é difícil você falar de incluir se você, dentro de você, nunca exclui ninguém, né? Eu busco sempre olhar pra todo mundo com credibilidade, sei que quando a gente quer a gente consegue, a gente é capaz, e aqui na Escola Baloné a gente tem muito isso. A gente respeita todas as cores, todos os corpos, todas as possibilidades e acredita na verdade da dança de cada um. É, então assim, as, é, o... Inclusão pra mim é uma coisa que a sociedade inventou, determinou, sabe? Porque pra quem aceita as diferenças e ama as diferenças e sabe trabalhar com todas elas, não tem isso de inclusão.

4) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

A técnica em si, o estudo, a história, né? E as crenças do ballet clássico, infelizmente, não. Mas como eu falei na pergunta anterior aqui na Escola Baloné, sim! A gente inclui e respeita a todos. Mas assim, se você for ver a técnica, a história, né? Os ballets de repertório, as grandes companhias, infelizmente, não.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a um a pessoa com deficiência?

Essencial é amar o que ele faz, ter verdade naquilo que ele faz, é... Acreditar no seu aluno, saber observar cada aluno na sua individualidade, e sugar dele o melhor que ele tem. Cada aluno, ele deficiente ou não, ele vai se destacar por algum... Por um salto, por um giro, ele vai ter uma habilidade e cabe a você, professor, reconhecer aquela habilidade e... Usufruir dessa habilidade e trabalhar os outros pontos que ele não tem tanta habilidade assim. Então isso serve pra quem tem deficiência ou pra quem não tem. O professor ele tem que ter um bom olho, um bom ouvido, um bom coração, se entregar e ir simhora. Sugar do seu aluno o melhor, fazer com que ele acredite também nele.

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Sim, já dei, já dei. Dou ainda, né? É.. Eu já tive alunos com síndrome de Down, já tive alunos com autismo, já tive alunos cadeirantes, já tive aluno com deficiência assim, de quadril, postural, já tive sim. E ainda tenho, né? (**por quanto tempo mais ou menos você deu aula a esses alunos?**) Então, minha aluna com síndrome de Down eu passei três anos com ela e ela não continuou porque a mãe optou por sair da escola. A de autismo, nossa, eu acho que eu dei

uns cinco anos e aí foi eu quem saí da escola e aí não consegui acompanhar. Pra Rafaella¹⁵ que é a cadeirante, eu dei aula um ano e a gente entrou na pandemia, como ela é enfermeira, ela também ficou sobrecarregada e aí, mas aí ela tá voltando agora, então, quase dois anos.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

Sim. Então, porque eu estudo muito eu é... como eu disse, eu enxergo primeiro o humano, e quando chega algo, alguém que precise muito mais ainda do meu estudo, da minha entrega, eu vou atrás. Porque eu quero, é... experienciar, não só pra ela, mas pra mim, a dança que eu acredito, né? Essa verdade do nosso corpo. Então quando alguém chega pra mim com uma certa limitação eu vou atrás de mostrar pra ela que eu acredito nela e que aquela limitação não vai fazer com que ela não ame a dança como eu amo. Então eu vou, faço curso, estudo, pesquiso, procuro conversar bastante com a pessoa pra saber o que ela sente, o que ela se propõe, o que ela espera... E nessa troca não tem como dar errado.

8) Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Não. Conheço Rafaella, que é minha aluna, cadeirante, ela é professora de dança lírica, né, na igreja, e aí ela tem o grupo dela, mas assim, de ballet clássico, que eu me recorde não, buscando aqui na memória... Eu assisto uma série, de uma professora de fora que é cadeirante, mas conhecer assim pessoalmente, eu não conheço não.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

Eu acho que a melhoria tem que ser do ser humano, a melhoria de dentro dos professores, a melhoria pra dentro do ser humano, no geral, né? Melhoria pra nossa sociedade, isso que eu falei na primeira pergunta, quando a gente olha o mundo com amor, com verdade, tudo flui. Não há limitação pra quem tem deficiência se ele tiver um bom estímulo, um bom, for bem visto... Eu acho que falta isso, falta o humano na nossa sociedade, porque quando a gente tem dentro da gente a vontade é... Tudo flui. O espaço se ele não for propício você vai arrumar como fazer, basta a vontade da gente mesmo. Então pra mim, a primeira mudança e mais forte mudança seria essa. **(A gente sabe que a pessoa com deficiência ela é pouco**

¹⁵ Nome fictício para a aluna.

vista no ballet clássico aqui no Recife, eu queria saber se tu tem alguma ideia, assim, do que poderia causar isso, essa escassez de pessoas com deficiência no ballet clássico. Porque a gente vê mais na dança contemporânea e em outros tipos de dança.) Então, é a mídia, né? O histórico do ballet clássico a técnica dela é muito antiga, lá nos seus primórdios, só dançava gente magra, só gen, só dançava gente com muita elasticidade, é... Mais mulheres, então hoje em dia mesmo ainda tendo atravessado muitas e muitas barreiras o ballet ele ainda é muito feminista, muito exclu, é.. inclu... exclui muito os gordinhos e tal, então... é complicado falar, mas eu acho que é a mídia. Escolas como a minha, que tem outras, é, tentam colocar nas redes sociais vídeos, fotos, chamando gentes de diferentes formas, mas infelizmente, é, já é muito, o ballet clássico já é muito marcado por isso, né? Mas a gente vai conseguir chegar lá. **(hoje na escola tem algum aluno com deficiência? E qual a faixa etária, mais ou menos?)** Temos sim, no, na, a gente tem crianças a gente tem autista, e tem no adulto tem um.. duas cadeirantes, né? Mas só tem vindo uma. **(vocês participam de festivais, competições?)** Não.

Professor(a): B2 Bianca Alves

Profissão: Professora de Ballet Clássico

Formação Acadêmica: cursando Fisioterapia

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

Eu danço ballet desde 3 anos de idade, acho que foi meio automático, dar... Fazia aula e comecei, dei uma aula pra substituir... uma professora e não parei mais. Continuei. (risos)

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Há...de Ballet há 4 anos.

3) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

É... Então, é acolher a todos sem, sem olhares. É não olhar, é só acolher, né?

4) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

Sim, com certeza! Com certeza, a dança é pra todos, dança não tem distinção, não tem limites pra ninguém, a dança é pra todos, a dança acolhe a todos.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência?

Não olhar a deficiência, pensar nas suas aulas sendo possíveis a todos, mas não pensar a deficiência, pensar como um aluno. Um aluno a mais que eu tenho como qualquer outro aluno.

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Sim. É... Eu tive uma aluna cadeirante aqui e tive uma aluna com autismo numa outra escola. A aluna com autismo ela tinha na época, começou comigo com 8 anos, dei aula pra ela por dois anos. Foi um mundo novo, né? Dar aula pra ela foi eu descobrir um mundo novo, é... Tinha dias que ela queria fazer aula, tinha dias que não, eu me desafiava, né? Nas aulas. A aula após aula era um desafio diferente com ela. Já a aluna que era cadeirante, aqui na escola que ensino, Escola Baloné, é uma adulta, então a determinação dela, a força de vontade dela pra fazer tudo é incrível, sabe? Não tem nada que ela não faça. Ela faz barra, ela faz centro, faz diagonal, acompanha as meninas... O trabalho com ela, o trabalho comigo é mais voltado pra força, pra resistência, pra estabilidade, equilíbrio, propriocepção bastante com ela de todas as sequências, de todas as danças, mas é, foi uma experiência incrível com as duas. **(a aula delas aqui no caso é junto com outras aulas...)** Com outras alunas.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

Eu entrei no curso de fisioterapia pra agregar a dança, primeiro eu comecei na dança, né? Eu comecei a dar aula de ballet, comecei a, já dançava, né? E aí, quando eu comecei a dar aulas de ballet eu comecei o curso de fisioterapia, e aí a gente, lá na faculdade, a gente aprende muito sobre recuperação, reabilitação, mas a gente vê muito, N formas de fazer isso e a dança é o que eu aprendo na prática de mais acessível, mais inclusivo que a gente consegue ter pra reabilitar, pra tratar, pra trazer de volta movimentos, sensações... **(Então tu se sente preparada?)** sim.

8) Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Não.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

É o que eu falei anteriormente, são os professores olharem pros alunos, não pra deficiência, não pra limitação, olharem pros alunos apenas como alunos.

(como tu acha que isso poderia acontecer? tem alguma forma, alguma “mágica”?
(risos)) Não, mágica não, eu acho que é um trabalho pessoal de cada um. É a gente buscar se formar sempre, se informar pra isso, estudar, estudar, estudar... É a gente crescer como pessoa, como professor e acolher a todos. **(O que você acha... Porque a gente sabe que no ballet clássico a gente tem pouca inserção das pessoas com deficiência, né? A gente vê mais na dança contemporânea ou em outros estilos de dança, o que você acha que impede essas pessoas de estarem dentro do ballet clássico aqui em Recife, hoje?)** É... Talvez não tenha tanta divulgação das escolas, sabe? De... Isso, não tem tanta divulgação das escolas, mas a dança como um todo, qualquer modalidade, tá aí pra acolher.

ESCOLA C Escola Contaus

Professor(a): C1 Janaina Souza

Profissão: Bailarina, professora e empresária

Formação Acadêmica: Formada em Ed. Física, Especialização na área de Ensino da Dança, Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

Longa história né? Acho que desde a prática que eu tive como bailarina me fez querer estar junto, mas que na verdade eu era ginasta, eu era muito do mundo dos esportes assim... então eu fui em busca disso para ajudar nos meus treinamentos de ginasta, então entrei nesse universo, iniciei minha formação toda lá, e aos poucos eu fiquei mais no Ballet do que na ginástica. Fui deixando a ginástica, apesar de já ter trabalhado um pouco como professora, e hoje em dia meu trabalho está todo direcionado a dança, e mais especificamente para o Ballet. Então, acho que esse convívio entre profissionais que foram os meus mestres, e participar de eventos e... eu cheguei a cursar arquitetura, mas, acabei parando na metade... e fui buscar um curso que me deixasse mais perto da dança, na época não existia licenciatura em dança, fiz ed. Física... mas também não me arrependo, porque eu tenho esse pé no mundo

esportivo, e tenho familiares na área, então... trabalhar com ballet, vem disso, né? Da minha experiência prática como bailarina, e desse universo que a gente descobre, né? Tando nesse ambiente. Acho que é isso...

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Rapaz...eu acho que eu comecei a dar aula...eu comecei até jovem assim... sabe naquele processo que você faz parte da academia, você, e às vezes ajuda a professora, substitui a professora que ficou doente, sei lá...eu fiz isso muito cedo. Eu devia ter uns 15 anos, sei lá... mas, dar aula mesmo, ter uma turma, eu acredito que uns 20 anos. Aproximadamente... 20...21...ou 19 anos que eu dou aulas, sabe?

3) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

Inclusão é quando qualquer indivíduo se sente parte daquele ambiente. Daquele local, quando ele se sente protagonista daquilo ali. É pode participar, dentro das suas condições, daquela atividade, daquele grupo, ele se sente como componente daquilo.

4) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

Bom, eu acredito que ela pode ser, né? Se ela é inclusiva, eu não vou nem entrar no mérito da deficiência, né? Dos transtornos e das deficiências, ela já exclui a partir de determinado ideal que é proposto, né? Sei lá, um corpo específico, uma performance específica, às vezes, um tom de pele específico, então, acho que ela já escancara esse estereótipo, mas que eu acho que está sendo mudado, estamos muito diferentes do que...sei lá cinco anos atrás...10, 20, 40 anos atrás... mas eu acho que ela pode ser...ela pode e ela tem espaço pra isso e ela deve ser. Mas, é um caminho meio longo.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a um a pessoa com deficiência?

Primeiro assim, acho que pra dar aula de Ballet, independente... Que eu acho que pra você dar aula de Ballet, o ideal é que você pudesse dar aula para qualquer indivíduo, independente da condição dele. (Risos) Você tem que saber um monte de coisas! Você tem que entender de técnica, de terminologias, de música, de didática, de desenvolvimento, de biomecânica, de estética, é um sem fim de coisas, né? Mas, em se tratando de deficiência, você tem que conhecer essas particularidades e acho que isso está muito atrelado ao conhecer o desenvolvimento, essa trajetória de que o indivíduo cresce e se desenvolve, né? E vai ter

alguns, algumas particularidades, dificuldades, é...mas, conhecer esses transtornos, essas patologias, esses problemas, essas dificuldades a fundo, e acredito que na formação dele aí vai entrar num ponto muito sensível que é a formação de um professor de Ballet, porque ela é muito diversa até hoje, né? Tem gente que tem uma formação técnica como bailarino, tem gente que vai fazer cursos de professores, são cursos diversos, tem gente que vai fazer uma faculdade que vai abordar a dança, mas o Ballet é uma particularidade muito grande, ou vai fazer uma faculdade de educação física, vai fazer uma de fisioterapia, então assim...é uma colcha de retalhos o professor de Ballet. Mas, pensando num mundo ideal, se houvesse uma formação de profissionais acadêmica pro ballet... acho que deveria ter na sua formação um...algo que pudesse contribuir de maneira, de conhecer essas particularidades e didaticamente saber abordar, né? Saber como intervir, como é...com que método você vai utilizar aquilo, acho que isso deveria fazer parte da formação, né? Pensando num mundo bem ideal, mas, eu acho que teria que se ter esse suporte, sabe?

E acho que também não é só isso, porque... Determinadas situações o professor sozinho não vai dar conta. Talvez, ter pessoas que possam auxiliar nesse processo, como uma escola regular, que sempre vai ter um psicopedagogo, ou psicólogo, ou um fonoaudiólogo...ou uma equipe multiprofissional mesmo que vai dar suporte aquele, aquela aprendizagem e no ballet é igual, porque a dança é conhecimento, né? Porque além da formação que deveria ser acadêmica, mas, seja formação não-formal é...e na prática, precisa ter esse suporte, termos de estudo e apoio, né?

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Olha eu não sei dizer... porque também é um tabu muito grande para os próprios pais, sabe? Às vezes você vê que a criança tem uma certa questão, que como a gente não tem esse suporte dentro da formação a gente às vezes, observa, relata isso (isso foi numa escola regular onde dou aula até hoje), e eu relato isso pra coordenação, vou buscar uma ajuda aqui outra acolá, né? É...até chegar a um diagnóstico... assim, na verdade eu nunca cheguei a um diagnóstico. Eu nunca tive um retorno por parte dos familiares ou dos profissionais específicos... eu lembro agora de duas alunas, assim, uma de 3, 4 anos, que parecia ter algo que caminhasse no espectro autista. Mas, assim, ela passou muito pouco tempo comigo. (**não diagnosticada também né?**) Não, não consegui ter uma resposta. Ela passou pouco tempo e logo mudou de escola. Enfim... E a outra passou mais de um ano, que ela tinha algumas dificuldades de aprendizagem, mas, não saberia classificar o que que ela tinha. E a família era

muito ausente, sabe? Então, eu ficava falando o tempo todo de sala de aula, com a minha coordenadora direta, enfim, tentava entender e ficava fazendo quase que um trabalho de detetive, porque ela já tinha assim idade, a ponto de tecnicamente mostrar, não é? Um desenvolvimento que a gente chama de natural, né? E ela tinha algumas dificuldades de concentração inclusive, sabe? E aí, depois veio pandemia, ela mudou de professora, ficamos ainda juntas tentando investigar, entrar em um contato mais próximo com a família, mas a gente não teve muito sucesso, sabe? Até a própria escola tinha dificuldades por conta dessa questão familiar. Aí veio a pandemia, aí ela não retornou. Agora já deve estar maiorzinha hoje em dia... então...foi muito desafiador... a gente também não pode fazer milagre, né? Precisa ter esse apoio, essa comunicação bem feita e entender o que é que essa criança tem pra poder ajudar com profissionais qualificados para isso, né? Estou me lembrando apenas dessas duas experiências. Não me recordo de nenhuma outra.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

Eu acredito que não, porque é um público que não chega, como falávamos no começo, né? Talvez por essa questão do ballet ser muito estereotipado, né? É algo que tá muito frequente, muito forte, é...e ai logo quando essas pessoas não chegam a gente acaba não debruçando o olhar sobre isso, não é? E eu acredito muito que a formação que eu tive, não apesar de ter tido algumas disciplinas na faculdade de sei lá, de Educação física adaptada, de olhar para esse corpo, já ministrei na universidade uma disciplina de metodologia 5 até, que é pra, mais pra parte de idosos e deficientes. É...penso sobre isso, mas, na prática, na prática o desafio é diário, é assim, talvez eu possa ter boas estratégias para abordar devido ao fato de refletir, de estudar, de pensar e dialogar sobre isso, mas eu acho que no dia a dia é diferente, sabe? as vezes eu não me sinto apta a dar de ballet ponto. Ah, isso é desafiador pra mim, considerando um corpo que não é típico, eu me sinto menos preparada ainda. Risos.

8)Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

É...algum professor? (**algum professor, dono, diretor...**) Professor, sim, a gente fez até um curso lá em São Paulo no Instituto Fernanda Bianchini que era o Ballet de cegos. Ela enquanto diretora não tem deficiência, mas, vários bailarinos que ela formou, hoje são professores. Então...com deficiência visual. Não conheço de maneira próxima, já os vi,

falando sobre, dando aula, né? Já pude observar um pouco do trabalho que é realizado e é super possível, né, assim... Eu estou me lembrando só desses professores em especial.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

Bom, eu acho que começa na formação do professor, sabe? Na formação do professor porque ele vai ser porta-voz, é ele que vai educar, ele vai ensinar muito mais do que técnica, do que ser artista...o que já é bastante coisa! Mas assim... às vezes, ele vai educar aquela platéia, aquelas famílias... e a partir do momento que os professores estão bem preparados pra isso, pode se mudar uma mentalidade... a partir das produções que forem feitas na escola de trazer essa diversidade de corpos, né? De condições pra cena, isso vai ficando natural e isso vai mudando a mentalidade. Então, pra mim o mais importante é a formação do profissional.

(O que você acha que poderia ser feito para aumentar essa procura?) Eu acho que colocar esses...esses... Assim... Acaba sendo uma coisa que leva a outra, né? Mas, colocar esses corpos de alguma forma, deles serem vistos, sabe? Por exemplo, falando em Fernanda Bianchini ela tem um documentário muito bonito, esqueci o nome! ...Olhando pras Estrelas! É...e é muito bonito, é muito inspirador! Fazer isso chegar até o alunado, até as famílias, até... Trazer pessoas pra palestrar, enfim...pra dentro das escolas, pra dentro da cena...é... Me lembrei de outra pessoa agora, com deficiência que é Elisa Farias! Que ela faz...ela trabalha com ballet cadeirante com pessoas, com crianças, paralisia cerebral. Participou de congresso, participou de apresentação lá na escola onde eu trabalho, né? **(Ela é daqui, não?)** Ela é daqui, é fisioterapeuta. É uma pessoa super acessível se quiser conversar com ela depois... ela é bem boa! Então assim, ela trabalha com crianças com paralisia cerebral, que são cadeirantes, às vezes tem uma questão motora, uma questão postural e faz um trabalho bem bonito, sabe? Bem inspiradores assim, as crianças verem outras crianças na cadeira de rodas mas, dançando, acho que isso vai tornando natural, vai diminuindo essa questão do preconceito, que as crianças não tem preconceito, mas, o preconceito está nas famílias... estereotipar, acho que se você desde a base vai trazendo isso como natural. Isso vai permanecendo, sabe? E vendo a possibilidade de diversificar mesmo a dança clássica, sabe? Que tá muito focada naquilo...naquele ideal de performance específico assim. Eu tenho o contato dela posso te dar! (Risos)

Professor(a): C2 Bárbara Beltrão

Profissão: Professora de Ballet

Formação Acadêmica: formada em Educação Física e sou professora de Pilates

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

Então, é... me... atualmente hoje eu sou uma das diretoras da Escola Contatus, mas a gente está no processo de transição de gestão que era minha avó. Então, eu já nasci dentro de uma escola de ballet. Então isso meio que facilitou, né? Por eu estar dentro desse, desse ambiente, e conseqüentemente ou não, mas gostei e estou até hoje.

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Pronto, eu comecei formalmente, tem 5 anos. 5 anos

3) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

Então...eu sou meio lenta, visse? Diferente de Janaina Souza. É... eu acho que a inclusão é a capacidade que a gente tem de... de tornar acessível algo ou algum objeto, ou alguma ação a todas as pessoas que estão no ambiente. Independente da forma como for chegar pra elas. Mas, ela tem que ser acessível pra mim e tem que ser acessível pra você, não necessariamente da mesma forma, mas a gente tem que ter acesso àquilo de forma justa e... eu acho que é isso. E igualitária...não tanto porque vai ser diferente, mas, eu acho que é isso, ter acesso a mesma coisa, talvez de formas diferentes, mas que... a gente consiga chegar a mesma coisa.

4) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

Totalmente (risos) Eu acho que não. Eu acho que não, eu acho que é... mudou, vem mudada, existem companhias e escolas que trabalham com isso, quando o maior exemplo, de Fernanda Bianchini, mas eu acho que a gente tá muito longe ainda, né? O ballet é uma arte muito elitista, muito branca, e isso tem que ser colocado... mas, eu acho que já mudou realmente, a gente vê projetos em, em...projetos sociais em favelas em lugares mais difíceis de ter acesso. E...e que vem mudada, mas, ainda assim, eu acho que está muito distante. É algo muito longe.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a um a pessoa com deficiência?

Bom...é...dentro... dentro da minha formação, tá? Vou falar enquanto experiência de Educação física, eu tive acesso a disciplinas que me orientaram, minimamente, a ter um pouco mais de facilidade a trabalhar com esse tipo de pessoa, e olhe que eu ainda tenho que aprender muito mais! Então...mas, não são todos os professores de Ballet que tem uma formação em licenciatura...ou na área da saúde que tem acesso a essas disciplinas. Então, eu acho que é difícil a gente definir a formação do professor de Ballet Clássico hoje em dia, né? Não existe um curso específico pra isso, né? Existe alguns cursos de pós-graduação, alguns cursos esporádicos de formação também, mas assim... é... algo de graduação em específico acho que não existe então é difícil é...todos esses cursos terem uma disciplina ou falar sobre isso. Então eu acho que é estudar mesmo sobre essas deficiências, né? Ter acesso a conteúdos e experiências que vá... tentando ajudar na forma como conduzir com esses alunos. Mas, de fato, acho que é estudar sobre as deficiências em si,né? o que é uma deficiência, como a gente consegue incluir, como se trabalhar, eu já tive algumas experiências dentro de sala de aula, enquanto professora de Ed. Física escolar. É...Mas no ballet nunca, assim...isso é até uma pergunta né? Foi mal...porque eu já respondi! Mas...pronto! (risos)

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Não.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

(Risos)Eu acho que não. Assim, eu daria, porque eu não tenho muito medo de...do que vem pela frente. Eu daria. Mas, eu teria que me preparar muito pra dar essa aula, sabe? Quem é essa pessoa que está na minha frente? Qual a deficiência dela? De onde é que ela veio? Como é que eu vou fazer? Vai ser aula sozinha? Ou ela vai estar dentro de uma sala com outros alunos? Como é que vai ser isso? Então, teria que ter todo esse pré-aula, né? Mas, eu acho que...eu não sei se eu estaria totalmente preparada, mas, eu daria sim. Mas, eu acho que tem que ter um estudo por trás mesmo, sabe? Um preparo muito grande. Porque realmente é diferente, a gente sabe que tem que ser diferenciado, né? Não dá pra simplesmente a gente vim com nossa rotina de sequências de aulas e transmitir pra essa pessoa. Vai ter que ser diferente, né? Até pra que ela tenha acesso ao que a gente quer transmitir.

8)Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Fernanda, né? Foi a experiência que a gente teve lá no curso assistimos os bailarinos, mas, tirando ela, da companhia de Ballet de cegos, né? Eu não me recordo de...de outras pessoas que trabalhem. Não me recordo agora. Acho que só ela mesmo.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

Eu acho que primeiro a... Mais do que a estrutura, óbvio que a estrutura é essencial para que essas pessoas cheguem no lugar e...e consigam se mexer, né? E ter acesso as coisas. Mas, eu acho que é a comunicação, mesmo, né? Hoje em dia tem muitas coisas nas mídias, né? No Instagram da vida... Então, de repente promover...eu não sei, mas... uma comunicação maior de que essas pessoas podem ter acesso, não é? Ao ballet e as escolas. É...mas é, eu não... eu não consigo... é... sei lá, pensar como é que essas pessoas... essas pessoas tem deficiências e suas famílias possam quebrar mesmo esse estigma de que não dá pro meu filho, é...é... ele não vai conseguir chegar a fazer uma aula e tal... acho que promover mais essa comunicação de que é possível, com pessoas que já fazem isso, obviamente, então ir atrás de uma Fernanda Bianchini da vida, de Elis aqui que Juli comentou. E promover essa comunicação, assim, expor na mídia mesmo! Expor, expor... mais pessoas com deficiência na mídia, expor mais... e aí vamos pra outras esferas: mais negros dançando! Mais pessoas de periferia dançando, sabe? Acho que quanto mais acontece essa exposição e colocar eles dentro do ambiente, eu acho que facilita. E óbvio a estrutura física que é essencial também.

(É isso que eu acho que a outra pergunta você já respondeu, né?)

ESCOLA D Escola Dançaê

Professor(a): D1 Jade Estrela

Profissão: Professora de Ballet

Formação Acadêmica: formada em ballet clássico pela Escola Dançaê

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

A minha mãe é a dona da escola. E aí como eu convivi muito com isso desde pequena...eu faço ballet desde dos... um ano e meio, aí...fui seguindo, né? Segundo o fluxo. Gostei demais. As crianças me encantam de uma forma! Eu gosto de dar aula pras grandes, mas as pequenas me encantam... eu fico bestinha, elas falam eu fico: hammm. (Risos)

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Dando aula, vamos botar 4 anos.

3) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

Humm, hum, hum...acho que inclusão é quando a gente para de pensar se aquela pessoa vai acompanhar, se não vai, se... de separar ou não separar, a gente tem que pegar aquela pessoa que precisa de mais atenção e, dar mais atenção a ela de uma forma que natural, né? A gente não precisa tirar ela de uma sala de aula de pessoas sem deficiência pra poder dar atenção a ela. Tem como a gente conciliar tudo.

4) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

Com certeza! Porque eu vejo muitas bailarinas inclusivas, né? É...Conseguindo melhorar bastante, em diversas coisas por causa do Ballet, né? Ajuda demais o ballet até na vida pessoal delas.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a um a pessoa com deficiência?

Acho que o essencial é amor e carinho pelo que se faz, e se puder uma especializaçãozinha pra saber né como se dá.

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Já dei aula a meninas com síndrome de Down e autismo. E... é uma coisa incrível, porque elas ensinam muito...e a pessoa fica com um carinho por elas imenso. **(Foi aqui?)** Foi, foi aqui. **(Como era a turma? Era uma turma só pra elas? Quantos anos mais ou menos?)** Não, era uma turma... é... A que tem Síndrome de Down, agora eu acho que ela tá com 21, mas quando ela fazia, vou botar uns 18. De 15 a 18 ela era minha aluna e era aqui no Ballet Sandra Pernambuco, e era uma turma normal e ela se encaixava, entrava na turma pelo nível. Por sinal, ela era um nível bem avançadinho. Ela é a primeira bailarina com SD a fazer intercâmbio de dança. E uma autista ela tem 15 anos agora mas, acho que ela começou com uns 12. Não sei especificamente, com uns 12 anos, aqui também. Ela foi minha aluna, mas, agora ela é aluna de outras. **(mas tá fazendo ainda?)** Mas tá fazendo ainda, com certeza.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

Eu me sinto preparada, mas, eu num...assim, eu acho que eu tenho a condição, mas, não sou confiante. Eu sempre fico procurando um... negócio pra melhorar, né?

Mas, eu...eu tenho...como eu já tive contato, bastante contato, tenho, tive mais...que não foram minhas alunas, mas que passaram por mim assim rapidamente... e... acho que sim, assim já...já... participei de palestra, né? De como ajudar, de como incluir, essas coisas...como se dá com a criança...aí ajuda.

8) Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Não conheço, mas eu tenho uma aluna, que ela diz que ela quer ser professora de ballet para crianças com deficiência. E ela é deficiente, eu só não tenho o parecer médico dela. Não sei.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

Eu acho que as pessoas deveriam abrir mais os olhos e que... o governo deveria abrir palestras e ajudar a gente, porque hoje em dia é uma coisa muito comum e seria muito bom pra todo mundo. Principalmente para as crianças que precisam dessa inclusão.

(A gente sabe que tem uma baixa visibilidade, e que essas pessoas acabam não...não chegando, né? Ao ballet, tu pensa numa forma que isso poderia melhorar?)

Desculpa, não sei se eu entendi a pergunta... **(Por exemplo: a gente sabe que a quantidade de pessoas com deficiência no ballet clássico aqui em Recife ao menos é bem baixa, não é?)** Ahamm **(E o que é que tu acha que poderia ser feito pra que isso mudasse?)** Não sei...acho que não sei.

Professor(a): D2 Luna Goes

Profissão: Professora de Ballet

Formação Acadêmica: graduada em Licenciatura em Dança

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

Eu sou, eu faço ballet clássico desde os 5 anos de idade (risos) e a gente não consegue para, né? Você para por um tempo e volta, e vai e volta e quando a gente entra na fase adulta, mesmo que você pare, né? Você fica com aquela memória do corpo, fica lhe chamando (risos) E como eu sempre gostei de dançar, eu me interessei em fazer, né, a licenciatura em dança e voltei pra sala de aula como aluna e posteriormente como professora.

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Há mais de 10 anos

3) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

Inclusão é tudo que não exclui, né? A gente, é... Eu não acredito muito, a gente vive num país de exclusão, então a palavra inclusão ela não e... Ela já tá enraizada, né? Na gente, quando, principalmente a gente na área do ballet quando você fala em inclusão não existe inclusão, eu acredito na exclusão, porque são formadas turmas específicas pra trabalhar com pessoas com especificidades e todos nós temos especificidades, independente de qual área, física, mental, intelectual...

4) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

(era a próxima pergunta, mas acredito que já esteja respondida).

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a um a pessoa com deficiência?

Só aceitação, acho que é o... Pra qualquer área, não só pro ballet, né? Mas especificamente falando do ballet ele aceitar o corpo diferente, porque o ballet ele é muito engessado ainda, né? E por mais que a gente queira agregar as outras formas, né? Mas o ballet é muito engessado, a gente não tem como fugir dessa técnica.

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Sim. Geralmente é mais criança, né? A pesar de que eu dei aula numa escola por um período e lá a gente tem várias, é... Vários tipos de especificidades, síndrome de Down, autismo, TDAH e outras, é uma sala mista.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

É, eu acho que a gente nunca vai tá preparado, principalmente pro ballet. Porque a técnica, como eu já falei, né? E volto a repetir, ela é muito engessada, então você adaptar o ballet pra um corpo, principalmente a deficiência física é outra realidade e outras deficiências é mais ajustável, não se tratando da deficiência física

8) Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Não.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

Escolas de dança no contexto geral? (**hunrum.**) É, são adaptações de acordo com cada necessidade, é assim, é muito... Abrangente, é muito generalizado quando se fala em deficiência, né? Então, assim, eu tenho as minhas deficiências, eu tenho duas pernas, dois braços, aparentemente não tenho nada, né? Então é muito generalizado a questão da deficiência, geralmente se faz padrões. Creio que tem que ser ajustado a cada necessidade .

(A gente sabe que no ballet há pouca procura das pessoas com deficiência, o que você acha que causa isso?) Preconceito. O preconceito do padrão estabelecido pelo ballet clássico, né? Principalmente do corpo muito magro, né? As estaturas de tamanho, então isso já causa um (risos) um certo preconceito. **(O que tu acha que poderia ser feito pra que essas pessoas chegassem nesses espaços para a prática do ballet?)** Quebrar esse padrão primeiro, mostrar que o ballet, a finalidade do ballet em si não é só formar bailarinos para os grandes ballets, né? pra grandes escolas. mas sim como um meio de bem estar, físico mental, que o ballet é uma dança antes de tudo, se a gente tratasse ele como uma dança e não como forma, eu acho que quebraria esse preconceito das pessoas, não só com deficiência, mas em todos os outros aspectos e chegar até o ballet clássico.

Professor(a): D3 Ester Lacerda

Profissão: Professora de Ballet

Formação Acadêmica: cursando Educação Física licenciatura e bacharel

1) O que lhe levou a trabalhar com Ballet Clássico?

A paixão pela dança, desde muito pequena eu já tinha o sonho de dançar, sempre ficava assistindo nas TVs as danças... e aí comecei aos 13 anos, queria ter começado mais nova, mas aí, não tinha condições, né? Aí quando chegou a Escola Abadance, e iniciou tudo, minha carreira e estou até hoje, e vamos simhora!

2) Há quanto tempo atua dando aulas de Ballet Clássico?

Deixa eu me lembrar, visse? Desde 2012...2013...

3) Com suas palavras descreva o significado de inclusão para você.

Inclusão é aceitar todo tipo de criança, de adulto... que todos nós somos iguais, diferentes em algumas coisas, né? Mas, aceitar, trabalhar, de acordo com cada... trabalhar de acordo com cada... a palavra está na ponta da língua... tá na ponta da língua, mulher... cada, cada, cada, cada, cada, cada, cada, cada, diz a palavrinha! Não sei bem se patologias, se inclui... (cada caso, digamos assim.) Cada caso, melhor dizendo

4) Você acredita que o Ballet é uma dança inclusiva? Justifique.

Sim! A dança ela é para todos. A dança em geral é para todos. O ballet clássico é a mãe da dança então, todo mundo tem o direito de fazer, de se jogar... fora todos os benefícios que o Ballet Clássico traz para nosso corpo, nossa mente.

5) O que você acredita que seja essencial para um professor ao dar aulas de ballet a um a pessoa com deficiência?

Que ele tenha qualificação, né? Que ele tenha cursos voltados para a área de inclusão. A área da...da inclusão mesmo! Não precisa falar outro nome não?

Voltados para a área da inclusão, né? Com uma formação, que uma pessoa também sem formação, é difícil! (risos)

6) Você já deu aulas de Ballet a algum aluno com deficiência? Se sim, comente sobre a experiência.

Então... nunca tinha dado, tá sendo minha experiência nova pra mim esse ano, que é aqui na Escola Dançaê, tem uma aluna autista e aí ela tem 14 anos e... tá sendo um desafio, eu tô gostando muito... Inclusive meu TCC, é falando sobre os benefícios da dança para crianças com espectro autista. Tô gostando muito tá sendo um desafio bom.

7) Você se sente preparado(a) hoje para dar aulas de ballet a uma pessoa com deficiência? Porque?

Não 100% ainda, né? como eu disse, tô... entreguei a primeira parte, né? do meu pré-projeto de TCC... mas, eu sinto que eu necessito ter uns, umas qualificações a mais.

8) Você conhece alguma pessoa com deficiência que atue como professor, dono ou diretor de escola na área do ballet clássico?

Não. Não me vem na memória agora, mas, acho que não.

9) Na sua opinião, quais melhorias deveriam ser realizadas para tornar as escolas de dança e o ballet clássico mais inclusivos?

Creio que uma boa estrutura, né? Um bom acolhimento, da parte da equipe de professores... Hummm... Deixa eu ver mais... Creio que...é né? **(A gente sabe que existe uma baixa procura das pessoas com deficiência no ballet clássico. Tu acredita em algum motivo específico para isso?)** Acho que o pessoal, não tem aquela...um mundo muito fechado ainda, né? A cabeça muito fechada em relação a isso e até mesmo quando vai colocar a criança numa escola regular, já bota muito tarde, as vezes, os próprios pais não aceita que a criança tem um certo tipo de transtorno, e aí quando bota já bota um pouquinho mais tarde. **(Você acha também que haveria alguma coisa que poderia ser feita para que isso não acontecesse ou diminuísse?)** Que aumentasse a procura dessas pessoas. Teria que ter uma divulgação, teria que vir à tona mesmo...porque o pessoal tá muito fechado e, tem muitos pais que não aceitam que a criança tem uma síndrome e tal... e aí uma divulgação, mostrar trabalhos...mostrar que tem pessoas capacitadas pra atuar com o filho dele. Pro pessoal se sentir bem, onde está colocando seu filho.